



UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES - IEFES

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL - PROEF**

YTALO SILVA LEMOS

**O FUTEBOL COMO POSSIBILIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
ANTIRRACISTA**

FORTALEZA

2024

YTALO SILVA LEMOS

O FUTEBOL COMO POSSIBILIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
ANTIRRACISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação Física. Área de concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L579f Lemos, Ytalo Silva.

O futebol como possibilidade para uma educação física escolar antirracista / Ytalo Silva Lemos. – 2024.

109 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva.

1. Futebol. 2. Racismo. 3. Educação física escolar. 4. Perspectiva progressista. 5. Intervenção pedagógica. I. Título.

CDD 790

YTALO SILVA LEMOS

O FUTEBOL COMO POSSIBILIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
ANTIRRACISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação Física. Área de concentração: Educação Física Escolar.

Aprovada em: 31/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luciano Nascimento Corsino
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

Profa. Dra. Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

A Deus.

A minha amada esposa Thaine, que sempre me incentiva e acredita em mim.

A minha querida filha, Maria Rachel, que me faz querer ir além.

Aos meus pais, Jailson e Socorro, que sempre me deram todo o suporte e amor para que eu pudesse chegar até aqui.

A minha irmã, Jamylle, sempre forte e amorosa.

Aos meus avós, Liduina, Joselina e José Soares, que sempre me trataram com muito carinho e amor.

AGRADECIMENTOS

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

A Deus, o Senhor de todas as coisas, que me deu sabedoria e saúde para seguir firme em busca dos meus sonhos.

A minha amada esposa, Thaine, que sempre está ao meu lado, nos dias de luta e nos dias de glória, que me sustentou quando eu quis desistir, festejou comigo cada passo dado e é fundamental para eu ter me tornado o homem que hoje sou.

A minha filha, Maria Rachel, a quem eu prometi não desistir, que veio para ser uma luz na nossa família e me deu a honra de alcançar meu maior sonho, que era ser pai.

Ao meu pai, Jailson, meu melhor amigo, que sempre me apoia, dá suporte e sonha os meus sonhos junto comigo, um homem que me ensinou o valor do trabalho, do respeito e da honestidade, além da paixão pelo futebol e pelo Ceará Sporting Club.

A minha mãe, Socorro, uma mulher forte que sempre esteve presente, afastando de nós todo o perigo que pudesse vir a ocorrer, nos incentivou no caminho dos estudos, e é dona de um abraço amoroso.

A minha irmã, Janylle, uma incansável defensora dos mais fracos e oprimidos, que me inspira a também o ser, e junto ao meu cunhado Jackson, trouxe ao mundo minha querida sobrinha Jade.

A minha avó materna, Dona Liduina, mulher forte, que criou suas 4 filhas sozinha com muita dignidade, tendo se tornado viúva muito cedo, a base de muito trabalho, suor e dedicação a família.

A minha avó paterna, Dona Joselina, uma senhora sempre gentil e que cuida muito bem de todo mundo, que sempre esteve lá quando eu precisei.

Ao meu avô paterno, José Soares, também conhecido como Zé Pequeno, homem forte e sonhador, que nunca deixou faltar nada à família e segue vendendo seus queijos com seus olhos brilhando. Vô, quando eu me graduei o senhor pediu um quadro para colocar na sua sala, e olha agora, seu neto é um mestre.

Aos meus amigos e companheiros de trabalho da Escola Poetisa Abigail Sampaio e da Escola Municipal Henriqueta Galeno, que me apoiaram desde o início do mestrado.

Aos meus professores e professoras do ProEF-UFC, Maria Eleni Henrique da Silva, Luiz Sanches Neto, Luciana Venâncio, em especial ao Eduardo Vinícius Mota e Silva, meu orientador, por todas as suas contribuições e ensinamentos, que me permitiram crescer tanto como professor como quanto pessoa.

Ao professor Luciano Nascimento Corsino e à professora Stephanie Menezes Pinto, pelas contribuições críticas e sinceras, que ajustaram os rumos deste trabalho e foram extremamente enriquecedoras.

Aos meus amigos e amigas de jornada da primeira turma de mestrado em educação física escolar do Estado do Ceará, Ana Carla, Amanda, Fulvio, Jorlany, Juliana, Junielison, Laerton, Luís Fernando, Manoela, Romário, Samantha, Tarcizo e Wescley, companheiros que engrandeceram o percurso com suas experiências.

Ao futebol, por ser esse esporte maravilhoso ao qual sou apaixonado e sigo acompanhando obstinadamente com o olhar e os sonhos de uma criança, em busca da próxima grande história.

A todos que tiraram um tempinho para ler estes agradecimentos, o meu muito obrigado.

Quando você caminhar por uma tempestade
Mantenha sua cabeça erguida
E não tenha medo da escuridão
No fim da tempestade
Há um céu dourado
E a doce canção prateada de uma cotovia

Caminhe em meio ao vento
Caminhe em meio à chuva
Mesmo que seus sonhos sejam destruídos

Siga em frente, siga em frente
Com esperança no seu coração
E você nunca caminhará sozinho
Você nunca caminhará sozinho

(Gary & The Pacemakers, 1963, tradução própria)

RESUMO

Esta pesquisa desenvolve uma intervenção pedagógica que utiliza o futebol como instrumento de conscientização e criticidade para o combate ao racismo no âmbito da educação física escolar. Tem como objetivo geral analisar a implementação de uma proposta de intervenção pedagógica em aulas de educação física nos anos finais do ensino fundamental, problematizando as manifestações racistas no futebol, enquanto os objetivos específicos são conhecer as percepções dos alunos e das alunas sobre racismo e futebol, promover a criticidade através da problematização sobre o racismo no futebol e combater o racismo nas aulas de educação física através da conscientização dos alunos e das alunas acerca de suas manifestações. A metodologia de pesquisa utilizada é qualitativa e seus procedimentos são de uma pesquisa participante. A intervenção foi feita em uma turma de 8º ano dos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública municipal de Fortaleza-CE com 34 alunos e alunas, composição mista e teve a duração de 5 semanas. Para a implementação da intervenção foi utilizado o produto educacional *Ensino dos Esportes a partir da Perspectiva Progressista: Uma proposta de Unidade Didática* (Ramos, Maffei. 2020). Esta proposta está organizada nas seguintes subdivisões: a) prática social inicial; b) problematização; c) instrumentalização; d) catarse e e) prática social final. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram o questionário, como uma forma de diagnóstico, o diário de campo, que serviu para registrar as minhas observações enquanto professor-pesquisador e demais falas dos alunos e das alunas e a entrevista semi-estruturada. O produto pedagógico desenvolvido foi um *blog* e um perfil no *Instagram*. Como resultado pudemos notar que a problematização do futebol serviu para atrair a atenção e aceitação dos alunos e das alunas em discutir um tema sensível como o racismo. Durante a intervenção foi registrada uma diminuição nos falas racistas nesta turma e, quando aconteceu, os demais alunos e alunas rapidamente intervieram, demonstrando assim a conscientização alcançada através da intervenção.

Palavras-chave: futebol; racismo; educação física escolar; perspectiva progressista; intervenção pedagógica.

ABSTRACT

This research develops a pedagogical intervention that uses football as an instrument of awareness and criticality to combat racism within the scope of physical education at school. Its general objective is to analyze the implementation of a proposed pedagogical intervention in physical education classes in the final years of elementary school, problematizing racist manifestations in football, while the specific objectives are to understand students' perceptions about racism and football, promote criticality through problematizing racism in football and combat racism in physical education classes by raising student awareness about its manifestations. The research methodology used is qualitative and its procedures are such as ones of participatory research. The intervention was carried out in an 8th year class in the final years of elementary school in a municipal public school in Fortaleza-CE with 34 students in a mixed group and it lasted 5 weeks. To implement the intervention, the educational product *Ensino dos Esportes a partir da Perspectiva Progressista: Uma proposta de Unidade Didática* was used (Ramos, Maffei. 2020). This proposal is organized into the following subdivisions: a) initial social practice; b) problematization; c) instrumentation; d) catharsis and e) final social practice. The instruments used in the research were the questionnaire as a form of diagnosis, the field diary, which was used in order to record the teacher-researcher's observations and other students' statements, and the semi-structured interview. The pedagogical product developed was a blog and an Instagram profile. As a result, we noticed that the problematization of football counted for attracting students' attention and acceptance in discussing a sensitive topic such as racism. During the intervention, a decrease in racist speech was recorded in this class and when it happened, the other students quickly intervened, thus demonstrating the awareness achieved through the intervention.

Keywords: football; racism; school physical education; progressive perspective; pedagogical intervention.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Arthur Friedenreich.....	24
Figura 2 - Chancel Mbemba	28
Figura 3 - Zion Suzuki.....	29
Figura 4 - Mike Maignan.....	30
Figura 5 - Barbosa.....	32
Figura 6 - Futebol Feminino.....	33
Figura 7 - Dick, Herr's Ladies.....	34
Figura 8 - Thamires da Conceição.....	36
Figura 9 - Natasha do Nascimento.....	37
Figura 10 - Seleção Feminina de Futebol dos EUA.....	40
Figura 11 - Ada Hegerberg.....	41
Figura 12 - Marta.....	42
Figura 13 - Jogadoras protestam contra assédio.....	44
Figura 14 - Paulinho.....	45
Figura 15 - Mohamed Salah e Sadio Mané.....	47
Figura 16 - Mahamadou Diawara.....	48
Figura 17 - Democracia Corinthiana.....	49
Figura 18 - A Tragédia de Hillsborough.....	51
Figura 19 - Exponha as mentiras antes que Thatcher morra.....	52
Figura 20 - Homenagem às 97 vítimas da Tragédia de Hillsborough	52
Figura 21 - Jogadores do Start F.C.....	54
Figura 22 - Estátua em homenagem aos jogadores do Start F.C. referente ao jogo da morte.....	55
Figura 23 - Vinícius Júnior.....	65

Figura 24 - Mapa das regionais de Fortaleza..... 68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Racismo contra jogadores.....	26
Gráfico 2 - Local onde ocorre o ato de racismo.....	27
Gráfico 3 - Casos de intolerância religiosa no Brasil.....	44
Gráfico 4 - Casos de islamofobia.....	46
Gráfico 5 - Professores com conhecimento sobre as leis 10.639/03 e 11.645/08.	61
Gráfico 6 - Professores que trabalham as leis 10.639/03 e 11.645/08.....	62

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Produto Educacional	21
2	MARCO TEÓRICO	23
2.1	O Futebol e suas manifestações na sociedade	23
2.1.1	<i>(Des)Igualdade Racial</i>	23
2.1.2	<i>(Des)Igualdade de Gênero</i>	32
2.1.3	<i>(In)Tolerância Religiosa</i>	44
2.1.4	<i>Futebol e Política</i>	48
2.2	O Futebol na Educação Física Escolar	55
2.3	O combate ao Racismo na Educação Física Escolar	57
3	PERCURSO INVESTIGATIVO	67
3.1	Universo da Pesquisa	67
3.2	Participantes	69
3.3	Materiais e Métodos	69
3.4	Procedimentos para a Coleta de Dados	77
3.5	Procedimentos para a Análise de Dados	77
3.6	Aspectos Éticos	77
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	77
4.1	Prática Social Inicial	78
4.2	Problematização	84
4.3	Instrumentalização	85
4.4	Catarse	85
4.5	Prática Social Final	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	92
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	106
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	107
	ANEXO B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	110

1 INTRODUÇÃO

O futebol faz parte do dia-a-dia de muitas pessoas, seja jogando, assistindo, ouvindo ou em debates. Ele ocupa o horário nobre da mídia televisiva e está em diversas frequências de rádios ao redor do Brasil. Além da transmissão dos jogos na íntegra, há, tanto nos canais abertos, quanto nos canais por assinatura ou a cabo, canais de *streaming* ou do Youtube, programas dedicados a comentar os jogos da rodada, em que jornalistas especializados e/ou ex-jogadores profissionais buscam interpretar o acontecido, utilizando termos técnicos da área, no caso dos primeiros, ou sua experiência de campo, no caso dos segundos.

Quando criança, cresci percorrendo os campos de Fortaleza - CE ao lado do meu pai, acompanhando os jogos do Somel F. C., clube da família, do qual meu pai é co-fundador, jogador e ocupava todas as demais posições, juntamente com meus tios, por ser um clube de futebol amador da periferia. Esta vivência alimentou em mim um sonho, afinal, “quem não sonhou em ser um jogador de futebol?” (Skank, 1996). Porém, a insuficiência das habilidades necessárias para ter êxito dentro de campo levaram meu olhar para outros aspectos do jogo, como a parte de comissão técnica, tática e gestão, as torcidas e suas relações com o jogo e com os jogadores.

A exemplo do que aconteceu com Eduardo Galeano em Futebol ao Sol e à Sombra:

“Os anos se passaram, e com o tempo acabei assumindo minha identidade: não passo de um mendigo do bom futebol. Ando pelo mundo de chapéu na mão, e nos estádios suplico:

- Uma linda jogada, pelo amor de Deus!

E quando acontece o bom futebol, agradeço o milagre - sem me importar com o clube ou o país que o oferece. (Galeano, 2004. p. 10).

Além de acompanhar o futebol ao vivo com meu pai, nos campos da cidade e nos jogos do *Ceará Sporting Club* nos estádios Castelão e Presidente Vargas, eu também passava horas do meu dia jogando futebol no *videogame*, através do qual tive meu primeiro contato com o futebol de fora do Brasil e que me fez conhecer os principais clubes da Europa, de quais países eram, quem eram seus grandes jogadores... Fui, assim, montando uma base de conhecimento sobre o futebol. Na educação física escolar que tive durante o ensino fundamental e médio, a vivência era da prática do jogo, com foco na técnica. Durante o ensino superior, tive contato com a pedagogia do esporte e em como ensinar os alunos a jogar, adicionando a parte tática do jogo.

Durante a adolescência, passei a acompanhar mais o futebol europeu, principalmente a Liga dos Campeões da Europa e a *Premier League*, que é o campeonato inglês. Ambos os campeonatos tinham transmissão pelos canais Esporte Interativo, que hoje se chama TNT Sports, passava na TV aberta e pela ESPN, emissora de televisão em canais por assinatura. Na grade de programação deste canal, há programas como o Futebol no Mundo, que se dedica a comentar sobre os resultados e os acontecimentos do futebol pelos mais diversos países e continentes, oferecendo uma opinião técnica sobre o jogo e uma opinião crítica sobre o “além do jogo”: questões sociais, culturais e políticas, tornando o acesso a estas informações mais compreensíveis, assim como o também o faz o Redação SporTV.

Além do programa supracitado, há, em uma plataforma diferente, o *podcast* Correspondentes Premier, que tem como característica principal relatar a rodada do futebol inglês e como é a vida de um jornalista correspondente na Inglaterra. Temos, então, através dele, conhecimento sobre como funciona o *matchday*, que é o dia dos jogos, como são as rivalidades, quais são as origens das rivalidades, quais clubes têm mais ligação com a monarquia ou com a classe trabalhadora, como o futebol inglês evoluiu da violência da época dos *hooligans* para o principal campeonato nacional do mundo que é hoje. Essas são questões que me fascinam.

Na condição de grande apaixonado do futebol, desde muito cedo, tive interesse por tais programas: queria saber bem mais do que qual time havia vencido a partida ou quem havia feito os gols; o que me interessava eram questões como “por que tal torcida leva bandeiras de outros países para os estádios?”, “por que tal jogador foi punido por apresentar uma mensagem na camisa?”, “por que um determinado jogador sofre mais vaias e xingamentos que outros?”. Tais questionamentos me fizeram enxergar além do esporte-espetáculo e instigaram uma visão crítica sobre os acontecimentos, que costumava comentar com meus amigos nas rodas de conversa. O esporte bretão sempre permeou meus caminhos e é parte essencial na minha formação cultural e política, assim como de parte do povo brasileiro.

No início do futebol no Brasil só havia acesso a tais discussões através do rádio, que obtinha o monopólio da difusão devido à tecnologia disponível à época, posteriormente passando a dividir o conteúdo com a televisão, grande marco da indústria. Em tal contexto, poucas pessoas e empresas tinham o poder de fala e

podiam expor suas opiniões. Devido a essa limitação, as pessoas tinham como opção consumir o que estava sendo transmitido, sendo ofertados quase que exclusivamente jogos dos times do eixo sul-sudeste, fato que resultou em números expressivos de torcedores nordestinos de clubes daquela região, além de motivar a ida de muitos ao estádio para acompanhar pessoalmente os clubes locais, algo de mais difícil acesso.

Com o advento da internet, surgiram outras mídias alternativas às do monopólio, como canais de *YouTube*, e mais recentemente *podcasts*. Após a entrada desses novos atores, inúmeras pessoas ganharam voz nas discussões sobre futebol. Eles trouxeram consigo novas perspectivas, novas preocupações, um novo jeito de enxergar o jogo, indo além do campo e da bola. Temas antes sem espaço na mídia tradicional puderam aparecer, dentre eles, debates sobre o racismo, com casos ocorridos tanto no Brasil quanto no exterior, seja na América Latina ou na Europa, além das questões de gênero que atingem o futebol feminino.

Ter acesso a tal conteúdo e a possibilidade de debater me fez ter uma visão mais crítica do futebol. Assim, passei a compreender o porquê de determinadas torcidas, como a do Liverpool, da Inglaterra, ou a do Celtic, da Escócia, se posicionarem e protestarem ativamente nas arquibancadas contra governos, a monarquia, além de temas relevantes que estão acontecendo pelo mundo, como as guerras entre Rússia e Ucrânia e Israel e Palestina. Comecei a compreender também movimentos criados dentro dos clubes, como a Democracia Corinthians, liderada por Sócrates, que, durante a ditadura militar vigente no Brasil, lutava por igualdade e direito ao voto direto para escolha de representantes.

Sendo o esporte mais popular no Brasil, o futebol desperta diversos sentimentos em quem o acompanha como amor, raiva, paixão, tensão entre outros. Além disso, por ser um esporte global, tem uma riqueza cultural imensa e torna possível, através dele, o acesso a costumes e tradições de diversos países e povos, que se expressam através do esporte, sendo palco, dentro e fora de campo, de inúmeras manifestações de jogadores, da equipe técnica, de gestores e de torcedores, como os casos relacionados ao jogador brasileiro Vinícius Júnior, que desde que chegou ao futebol espanhol, vem jogando sofrendo inúmeras demonstrações de racismo, potencializados pela impunidade assumida por La Liga, liga de clubes que gere a elite do futebol espanhol, ou mesmo por parte do Ministério Público espanhol (Wisniewski, 2023).

Por outro lado, há incontáveis exemplos de manifestações positivas no futebol, sendo possível citar a vibração das torcidas, os mosaicos, a receptividade e o respeito entre adversários. Indo além do campo, podemos identificar as origens de clubes e torcidas, uns da classe operária, como o Rayo Vallecano, da Espanha, outros com ligações em movimentos de esquerda, como o Union Berlin, da Alemanha. No Brasil, temos exemplos relevantes de clubes que foram revolucionários, como o Vasco da Gama, um dos primeiros a aceitar jogadores pretos no time. Já no lado negativo, podemos citar as manifestações racistas contra jogadores pretos, manifestações de ódio étnico, mesmo antissemita, como as torcidas de Valência, da Espanha e Lazio, da Itália, de torcidas argentinas contra jogadores e torcedores brasileiros, ou até de brasileiros contra seus compatriotas.

Com base nessas perguntas, pode-se refletir acerca do racismo - é inegável que ele esteja presente em muitos aspectos da sociedade brasileira. As várias manifestações de discriminação e de defesa de uma suposta hierarquia racial pelas pessoas causa um grande prejuízo, muitas vezes intencional, para atingir a pessoa ou o grupo; ou em outros casos por ignorância, como acontece quando as pessoas decidem tratar a questão como de menor importância mesmo depois de tanto avanço nas discussões.

Neste texto, tratamos do racismo antinegro, que ocorre ao “tratar a pessoa de pele escura de forma diferente, inferiorizando-a em razão da sua cor, raça, etnia, religião ou procedência nacional. É uma definição sociopolítica, fundada na herança colonial da sociedade brasileira e sustentada pelas estruturas de poder e dominação.” (Azevedo, 2023).

Em minha prática pedagógica, em uma turma de 8º ano de uma escola municipal da periferia de Fortaleza, o tema do racismo surgiu a partir da percepção de que alguns alunos usavam termos discriminatórios com os colegas, sem gerar com isso qualquer reação ou repúdio, inclusive na pessoa que foi vítima de racismo. Tornou-se indiscutível, a partir daí, a necessidade urgente de uma intervenção direcionada para o combate às manifestações racistas com esta turma nas aulas de educação física, com o objetivo de provocar nos estudantes um posicionamento crítico acerca do tema e lhes oferecer condições para que reconheçam os atos racistas praticados por eles ou por seus colegas no contexto escolar.

pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato

isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas.(Almeida, 2019. p. 34).

Como educador, precisei me preparar para o desafio, pois, segundo Munanga (2005), uma tarefa preliminar na luta antirracista é a transformação de nossas cabeças como professores. Tal transformação, segundo ele, nos tornará capazes de contribuir para a formação da democracia brasileira. “A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas.” (Almeida, 2019. p. 34). Dessa forma, após a inquietação ante a percepção da prática de racismo vivenciada pelas crianças do ensino básico de uma escola pública de Fortaleza, reconheci o papel que me cabia como professor-educador de oferecer formação acerca do tema, a partir de um olhar crítico para a questão, de uma prática social diferenciada e da discussão de temas pertinentes à construção pretendida.

Assim, como Munanga, Paulo Freire também atribui ao professor a responsabilidade pela formação crítica dos educandos diante de questões sociais. “O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (Freire, 1996. p. 12).

A partir daí surgiram alguns questionamentos: os alunos e as alunas têm conhecimento sobre os fatos exemplificados anteriormente acerca das atualidades do futebol? Eles e elas têm acesso a essas discussões? Conversam sobre isso? Conhecem a história do futebol? Debater esses assuntos contribuem para a criticidade? Como eles e elas reagem a um caso de racismo no futebol? Como promover o debate durante as aulas de educação física para o combate ao racismo?

Encontram-se aí questões bastante relevantes dadas a condição social das crianças, provindas de uma classe desprivilegiada e a proporção de alunos pretos e pardos na escola. Esse cenário coloca estas crianças em uma posição de grande vulnerabilidade à discriminação racial. O fato se torna mais grave ao perceber-se que o agente opressor responsável pela prática discriminatória em uso não é outro, senão os colegas de sala.

Ademais, o tema se justifica pois o racismo é um assunto de muita relevância na sociedade atual. O racismo é tipificado como crime pela lei brasileira e deve ser combatido cotidianamente por toda a sociedade civil. Tal crime ocorre quando uma pessoa ou um grupo se coloca acima de outra pessoa ou grupo por causa de sua

cor, rebaixando o outro a uma situação de inferioridade, atacando sua integridade e dignidade humana através de atos, falas e gestos. Esse termo é usado para caracterizar atos de racismo tão intrínsecos na sociedade e no dia-a-dia das pessoas que elas fazem de modo que não reconhecem que estão fazendo. Além disso, essa condição da sociedade abrange dimensões culturais em que se encontra enraizado o racismo em aspectos como o vocabulário e expressões idiomáticas.(Nascimento, 2019)(Silva Júnior e Martins, 2022).

Dessa forma, a proposta da pesquisa é levar essas discussões para dentro da sala de aula, na hipótese de que, uma vez em contato com tais temas, inicialmente escolhidos e preparados pelo professor, os alunos e as alunas, participando do debate, ouvindo a crítica de outras pessoas, formulando opiniões, interagindo com as ideias dos colegas, mediados pelo professor, possam desenvolver um pensamento crítico em relação a temas sensíveis da sociedade, como o racismo.

Para realizar a intervenção foi utilizado o produto educacional, que foi produzido no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF, Ensino dos Esportes a partir da Perspectiva Progressista: Uma proposta de Unidade Didática (Ramos, Maffei. 2020) ao qual trabalha com teorias educacionais para o ensino dos esportes nos anos finais do ensino fundamental nas aulas de Educação Física.

Como forma de produto foi estabelecida a construção de um *blog* e um perfil no *Instagram*, que serviram para selecionar e registrar os acontecimentos de relevância social para que tais fatos efetivamente cheguem até os alunos e as alunas e assim promover reflexões, debates e questionamentos sobre problemáticas apresentadas pelo professor de modo a despertar o pensamento crítico sobre práticas presentes no futebol, como o racismo.

Após a escolha do tema imposta pela necessidade já apresentada aqui, foi pensada uma forma dentro dos estudos da educação física, proposta pelo currículo e pelos documentos adequados, tais como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Outrossim, considerou-se o fato de que por muitos anos as aulas de educação física foram palco para aulas descontextualizadas e desconexas com a realidade vigente e do aluno por muitos professores que praticavam um desinvestimento pedagógico e suprimiam nos alunos a oportunidade de aprender os conhecimentos inerentes à educação física e aos valores que poderiam ser

proporcionados através de um trabalho bem estruturado do componente curricular, por meio da prática de aulas conhecidas como "rola bola" (González, 2020).

Assim, com o intuito de promover essa devida intervenção pedagógica e, considerando a atratividade que o esporte gera nas aulas de educação física escolar, além do engajamento da turma e da possibilidade de produzir debates e curiosidades, revolveu-se escolher o futebol. Destarte, o presente trabalho pretende tomar proveito de tamanha popularidade e aceitação do tema futebol na escola para problematizá-lo, contextualizá-lo e levantar as discussões necessárias para que tal objeto de conhecimento sirva ao propósito de oferecer ao aluno e a aluna a possibilidade de desenvolver seu pensamento crítico.

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a implementação de uma proposta de intervenção pedagógica em aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental, problematizando as manifestações racistas no Futebol, enquanto os objetivos específicos são conhecer as percepções dos alunos e das alunas sobre racismo e futebol, promover a criticidade através da problematização sobre o racismo no Futebol e combater o racismo nas aulas de Educação Física através da conscientização dos alunos e das alunas acerca de suas manifestações.

No primeiro capítulo do referencial teórico, são abordados alguns fatores sociais relevantes para sociedade e como elas são reproduzidas no ambiente do futebol de forma contextualizada e com exemplos, são elas a (des)igualdade racial, a (des)igualdade de gênero, a (in)tolerância religiosa e futebol e política. No segundo capítulo, trata-se sobre de que formas o futebol pode ser trabalhado durante as aulas de educação física escolar. O terceiro e último capítulo discute sobre o combate ao racismo nas aulas de educação física escolar, explica o significado de racismo, os tipos de racismo, como ele ocorre na sociedade, no ambiente do futebol e na escola.

1.2 Produto Educacional

O *blog*, chamado Blog Educacional Vinícius Jr., foi elaborado como produto educacional, pensado como um espaço destinado a registrar os acontecimentos de cunho crítico-social e relacionados ao futebol, selecionados pelo professor e aberto a sugestões dos alunos, com espaços reservados para que as reflexões produzidas pelos alunos sejam incluídas.

Este formato foi escolhido por possibilitar o registro das reflexões dos estudantes, expressas através de textos, desenhos ou outros formatos que instiguem a criticidade e a criatividade dos alunos.

O nome do *blog* é uma homenagem ao jogador Vinícius Júnior, que, através de seu posicionamento dentro e fora de campo, tem inspirado pessoas a se unirem na luta contra o racismo.

Assim, este “espaço virtual que pode proporcionar aprendizagem aos sujeitos envolvidos deve ter na figura do educador um mediador do conhecimento, para que objetivos pedagógicos sejam alcançados.” (Vieira; Belo; Freire, 2020. p. 6).

Além desta ferramenta, também foi criado um perfil no *Instagram*, com o intuito de ser uma ferramenta atrativa aos jovens, além de uma rede social muito popular e muito mais acessada do que os *blogs*. No *Instagram* estará uma versão resumida da publicação, contendo o *link* para a publicação do *blog*.

Para acessá-los, basta seguir os links: <https://educavinijr.blogspot.com/>; [instagram.com/educavinijr](https://www.instagram.com/educavinijr) ou @educavinijr.

No próximo capítulo, irei abordar o que é racismo e como ele se manifesta na sociedade, trazendo as definições do que a lei trata como racismo, o racismo estrutural, além de exemplos de como acontece nos estádios de futebol, nas redes sociais e na sociedade contemporânea.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Futebol e suas manifestações na sociedade

2.1.1 (Des)Igualdade Racial

Desde que Charles Miller voltou ao Brasil em 1894 trazendo três bolas, o livro de regras e seu conjunto de materiais necessários à prática do *football* houve uma separação, tanto de raça quanto de classe. Os clubes foram surgindo e, com eles, as seleções dos que poderiam jogar. Parafraseando Rodrigues Filho em *O Negro no futebol brasileiro*, era preciso ser inglês e branco para dar seus *shoots* envergando a *shirt* do Paissandu ou do Rio Cricket. Já para entrar para o *scratch* do Fluminense não precisava ser inglês, bastava que fosse branco e de boa família, assim como no caso do Botafogo. The Bangu, o clube de operários, depois de um início limitado a ingleses brancos, passou a aceitar brasileiros brancos, brancos pobres, mulatos e pretos. Durante os jogos, havia uma clara separação de classes, moças e rapazes brancos e bem nascidos nas arquibancadas, brancos pobres, mulatos e negros na geral. (Rodrigues Filho, 2010).

Podemos notar que o futebol não se tornou racista no Brasil, ele apenas desembarcou em um país já racista. Há 10 anos da data de sua chegada, ainda vigorava no país uma legislação escravocrata, com uma economia baseada em um sistema em que havia lugares destinados apenas a brancos e outros a negros. O estado do Ceará foi o primeiro estado do país a abolir a escravidão, em 1884.

"Não à toa que o Ceará é conhecido como Terra da Luz, um estado revoltoso, rebelde que sempre esteve à frente das principais lutas que marcaram as mudanças da vida política do nosso país e prova isso mais uma vez quando, em 25 de março de 1884, determina por meio de sua Carta Magna a Libertação dos escravos, nosso Estado foi a primeira província brasileira a libertar os escravos. O Ceará se antecipou em quatro anos à abolição da escravatura em todo o Brasil, que aconteceu somente em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea" (Pontes, 2023).

Aqui vale ressaltar a mudança de nomenclatura da palavra "escravo" para se referir a pessoas, na verdade, submetidas forçadamente a uma vida conduzida por um agente opressor. Optei, por este motivo, para atualizar a terminologia para a forma "escravizadas".

Enquanto o termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de

submissão, o vocábulo escravizado modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade, trazendo à tona um conteúdo de caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, além de marcar a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores. (Harkot-de-La-Taille; Santos, 2012. p. 7 e 8).

O esporte espelha a sociedade, se no cotidiano os brancos recebiam privilégios, assim também era nos clubes. Com o fim da escravidão, as pessoas antes escravizadas passaram a conquistar mais espaço na sociedade; da mesma maneira também aconteceu no futebol.

Há muitos anos, jogadores e torcedores pretos e/ou latinos são hostilizados com ofensas racistas nos estádios pelo mundo, até mesmo com bananas sendo atiradas em campo, fazendo clara alusão ao animal macaco. Essas ofensas são “reflexos diretos do ódio cultivado entre grupos com identificações construídas entre si.” (Cervi, 2014).

O racismo já causa prejuízo desde os primórdios do futebol brasileiro e teve como vítima o principal craque da história do futebol brasileiro e herói das primeiras conquistas da seleção brasileira: Arthur Friedenreich, também conhecido como *El Tigre*. Friedenreich, filho de pai alemão e mãe brasileira, era descrito como mulato, alto, de olhos verdes e cabelo crespo. Para ser aceito no meio do futebol, ele sempre esticava os cabelos antes de entrar em campo e passava pó de arroz no rosto para ficar com a pele clara. (Rodrigues Filho, 2010)(Imortais Do Futebol, 2017).

Figura 1 - Arthur Friedenreich



Fonte: Ribeiro; Fonseca. (2019).

Além disso, Friedenreich, apesar de ser o craque mais importante do futebol brasileiro da época, sofreu vários cortes nas convocações por parte da Confederação Brasileira de Desportos - CBD, que era quem comandava o futebol brasileiro, alegando que ele sofria racismo por parte dos adversários, e a solução encontrada pela CBD foi tirá-lo da convocação para alguns jogos, o que prejudicou a seleção brasileira pela perda técnica, o jogador, que teve seu direito de participar dos jogos cerceados, cedendo à pressão de pessoas racistas para que se enquadrasse dentro das características de pessoas brancas. (Imortais do Futebol, 2017).

No ano de 1924 ocorreu algo de caráter revolucionário. O Vasco da Gama, clube fundado por portugueses e que havia sido campeão da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, batendo equipes como Flamengo, Fluminense, Botafogo entre outros, não aceitou a imposição da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos - AMEA. Por ser um clube que aceitava jogadores negros e pobres e tendo vencido os clubes onde apenas jogadores brancos e ricos podiam jogar, o Vasco não era aceito como um grande, no que resultou na criação da AMEA, e, com ela, a imposição de novas regras para a inscrição de jogadores, dentre elas saber ler e escrever - o que excluía muitos jogadores das classes mais pobres, pois o Brasil tinha uma alta taxa de analfabetismo - e ter um emprego formal, motivo pelo qual a AMEA enviava fiscais para os locais de trabalho indicados na inscrição para verificar se realmente estavam trabalhando. Estas medidas foram feitas para que apenas pessoas com família de boa condição financeira pudessem participar das competições do esporte. Nesse meio, o Vasco da Gama, que havia sido convidado a participar da Amea, mas pelas restrições teria que abrir mão de 12 jogadores, publicou sua recusa em participar da liga, alegando que não iria abandonar os jogadores que defendiam sua camisa, ato que ficou conhecido como "A Resposta Histórica". (Rodrigues Filho, 2010)(Clube de Regatas Vasco da Gama, s.d.).

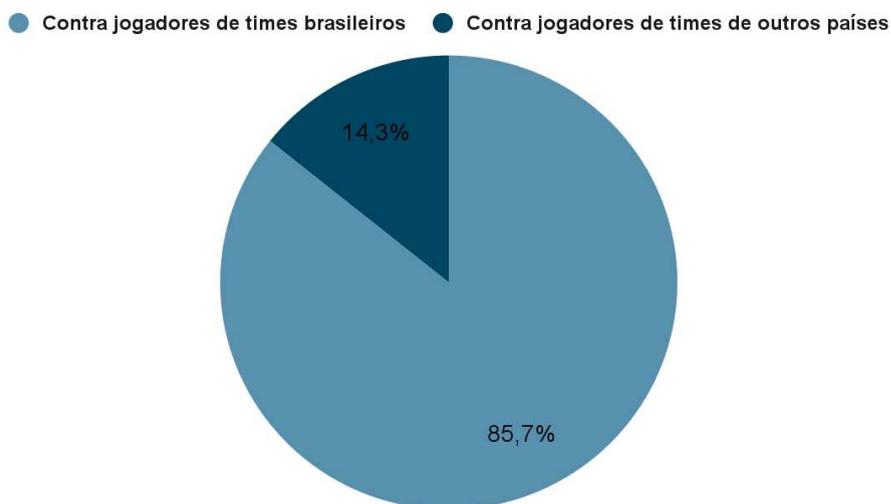
No livro *Como o Futebol Explica o Mundo* (2005), o autor Franklin Foer dedica um capítulo, "*Os Negros dos Cárpatos*", à chegada de jogadores negros na Ucrânia após o fim da União Soviética e descreve o choque cultural que ocorre naquele contexto. Os jogadores dos times ucranianos reclamavam por perder sua vaga no time da cidade para um jogador negro, "não querem jogar com macacos", não socializavam com eles, os moradores das cidades os excluía, mesmo que eles representassem ganhos técnicos ao time.

Há uma estranha uniformidade no vocabulário que os torcedores europeus utilizam para demonstrar que odeiam os negros. Os insultos simiescos que proferem são os mesmos. Embora tenham melhorado com o passar do tempo, ingleses e italianos desenvolveram o hábito de fazerem ruídos imitando macacos quando os jogadores negros tocam na bola. Os poloneses jogam bananas no campo. Isso não se deve à televisão, que raramente exhibe esses aspectos mais sutis do comportamento das torcidas. Também não é de bom tom discutir essas ofensas em público. Esse comportamento tornou-se uma mera tradição popular em todo o continente, transmitido através dos estádios, de um torcedor para outro, de pai para filho. (Foer, 2005. p. 157 e 158).

Apesar do que muitos podem pensar, os casos de racismo não são uma exclusividade dos jogos europeus, que em sua grande maioria têm pessoas brancas como jogadores; tais crimes também ocorrem na América Latina, principalmente contra brasileiros. Segundo Nunes (2023) 85% dos casos registrados em competições organizadas pela Confederação Sul-Americana de Futebol - Conmebol foram contra brasileiros, conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Racismo contra jogadores

Racismo contra jogadores

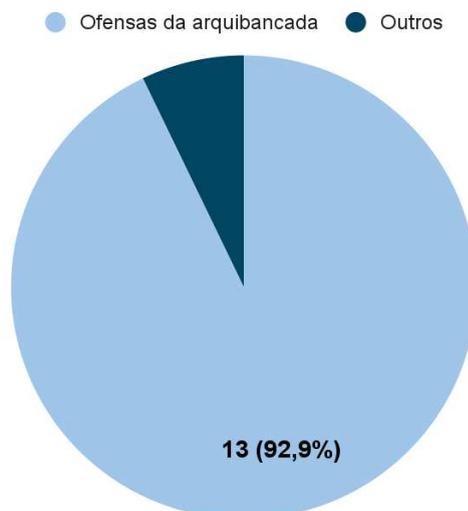


Fonte: Nunes (2023).

Além disso, Nunes (2023) demonstra que as ofensas racistas partiram principalmente da torcida adversária, ou seja, as pessoas que deveriam ir ao estádio apoiar o próprio clube mais se preocupam com realizar manifestações de ódio racial ao adversário.

Gráfico 2 - Local onde ocorre o ato de racismo

Local da ofensa



Fonte: Nunes (2023).

Estes dados servem para exemplificar como o ambiente do futebol, o estádio e suas redondezas podem ser espaços tóxicos para quem deseja assistir a um jogo e torcer pelo seu time, o que muitas vezes afasta o torcedor do estádio.

São vários fatores. Em primeiro lugar temos a impunidade, que incentiva esse tipo de atitude. Esses casos sempre aconteceram. Desde quando as competições começaram. No entanto, atualmente está sendo registrado, o que não acontecia antigamente. Naquela época não se dava atenção para essas coisas. Mas ainda temos a ideia de que os estádios são entendidos como um espaço e tempo que permitem que as pessoas expressassem todas as emoções. Isso não é regional. Isso acontece no mundo inteiro. (Tonini, 2022).

Como um esporte globalizado, o futebol está em todos os continentes habitados, e participa assim de condições culturais inerentes às diferentes regiões, sejam elas positivas ou negativas dos pontos de vista humano e social. Neste início do ano de 2024 está ocorrendo a Copa Africana de Nações e a Copa da Ásia de seleções e, em pouco tempo, já existem registros de casos de racismo nestas competições. Castriani (2024) relata que Chancel Mbemba, capitão da seleção da República Democrática do Congo foi vítima de racismo por parte do técnico da seleção do Marrocos, Walid Regragui ao final da partida. Além disso, o jogador congolês foi alvo de ataques racistas em suas redes sociais.

Figura 2 - Chancel Mbemba



Fonte: Castrianini (2024).

Outro caso relatado foi o que aconteceu após o jogo entre Iraque e Japão, no qual o goleiro japonês Zion Suzuki falhou na derrota de sua equipe e sofreu diversos ataques racistas em suas redes sociais. Suzuki é preto, nasceu nos Estados Unidos e é filho de pai ganês-americano e mãe japonesa. (Castrianini, 2024).

Figura 3 - Zion Suzuki



Fonte: Reuters (2024).

A Itália é um país no qual vários casos de racismo vêm ganhando destaque, com jogadores de diversos times, tanto maiores, como o Milan e a Internazionale, como menores como a Salernitana, sendo perseguidos com coros de sons de macaco ou mesmo sendo chamados de macacos por pessoas presentes nos estádios do país, muitas vezes nas torcidas organizadas, chamadas de Ultras. Um relatório do Observatório Nacional de Eventos Esportivos, do Ministério do Interior da Itália, mostrou que, durante a temporada de 2022/2023 do futebol italiano, em que foram investigados mais de 2600 jogos entre as divisões de futebol profissional, foi registrado o dobro de prisões relacionadas à violência quando comparada aos números da temporada anterior. Além disso, mais do que dobrou o número de pessoas que foram banidas dos estádios durante o período. Neste ano, houve a primeira amostra registrada pelo governo italiano onde se tem registro de casos de discriminação racial, obtendo como resultado 126 incidentes. (Itália *apud* Calvano 2024).

Ainda na Itália, segundo publicação da Redação do Ge (2024), uma pesquisa realizada pelo Instituto SWG, 16% dos entrevistados acham que é normal e válido, arremessar bananas ou imitar macacos na direção de um jogador negro. 18% deles

consideram normal xingar o torcedor rival com ofensas xenofóbicas. 18% consideram que o jogador de futebol é um figura pública paga para entreter e portanto deve suportar qualquer coisa. 6% entendem que chamar um jogador de macaco não se configura racismo, sendo apenas uma provocação de jogo. (Instituto SWG *apud* Redação do ge, 2024).

A pesquisa citada acima ocorreu após o caso de racismo contra o goleiro francês Maignan, do Milan, no qual torcedores da Udinese fizeram sons de macacos em direção ao jogador. Este relatou o fato ao árbitro e aos seus companheiros de equipe, que prontamente deixaram o campo em protesto contra os racistas. “Se vocês não fazem nada, vocês também são cúmplices” (Maignan, 2024). Neste caso, a Udinese foi punida com jogos com portões fechados. Além disso, o clube identificou um dos torcedores que proferiu ofensas racistas e o baniou para sempre de seu estádio. (Redação do ge, 2024).

Figura 4 - Mike Maignan



Fonte: AFP (2024).

Apesar de boa parte dos italianos pensarem conforme responderam na pesquisa, no Brasil a legislação é clara e tem se fortalecido para combater casos de racismo e injúria racial onde ela ocorrer.

A lei que equipara a injúria racial ao racismo já está em vigor. O crime passa a ser inafiançável e imprescritível, com pena de 3 a 5 anos de prisão e multa. A nova lei também enquadra crimes cometidos em locais destinados a atividades esportivas, como estádios de futebol. Quem for condenado vai ser proibido de frequentar o local por até 3 anos. A pena pode ser aumentada em até a metade, se o crime for cometido por agente público, por um grupo, com intenção de diversão ou pela internet. (Faria; Teixeira; Costa, 2023).

Um dos casos mais emblemáticos foi o do goleiro Barbosa, que defendeu a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. No jogo final, que valia a taça, a seleção brasileira perdeu a partida para a seleção uruguaia de virada, por 2x1, no que ficou conhecido como *Maracanazo*. A culpa pela derrota e grande frustração dos brasileiros foi colocada em Barbosa e, nas décadas seguintes, ele foi lembrado por ter perdido a Copa para o Brasil. (Cornelsen, 2012).

Outra [mulher] chegou no bar onde a gente se reunia, e ela chegou com um garotinho que não tinha nem dez anos, chegou e disse: – Ta vendo, meu filho, esse homem que fez o Brasil todo chorar. O garoto ficou olhando para a minha cara, assim. É, o que o garoto ia saber? Aí eu perguntei para ela: – Dona, será que se eu fosse seu filho a senhora fazia a mesma coisa com ele? (Barbosa, 2000).

Barbosa era um goleiro negro, ágil e forte, porém aquela derrota reverberou nos demais goleiros negros brasileiros, sendo taxados de incompetentes pela cor de sua pele. A seleção brasileira masculina só voltaria a ter um goleiro negro como titular em uma Copa do Mundo com Dida, na Copa de 2006. Ao receber o prêmio de 2º melhor goleiro do mundo pela Federação Internacional de História e Estatística do Futebol, Dida fez um tributo à memória de Barbosa. "Seria importante para a memória dele, para a memória de todos nós brasileiros, lembrar o Barbosa fazendo defesas e ajudando a Seleção Brasileira. E não só do momento triste que marcou a vida dele para sempre." (Dida, 2006).

Barbosa é uma figura fundamental dentro desse pensamento de que os negros não são confiáveis, que não têm uma capacidade de organização racional. A posição de goleiro exige confiança e a capacidade de organização racional é fundamental. (Almeida, 2021).

Além de Dida, outros goleiros conseguiram se destacar no futebol brasileiro, com destaque para Jefferson, que chegou a ser titular da seleção por um período. Atualmente ainda não temos tantos goleiros pretos nos principais clubes do país, sendo uma posição dominada por brancos, o que pode indicar que apesar de termos superado parte do estigma, ela ainda pode estar lá.

Figura 5 - Barbosa

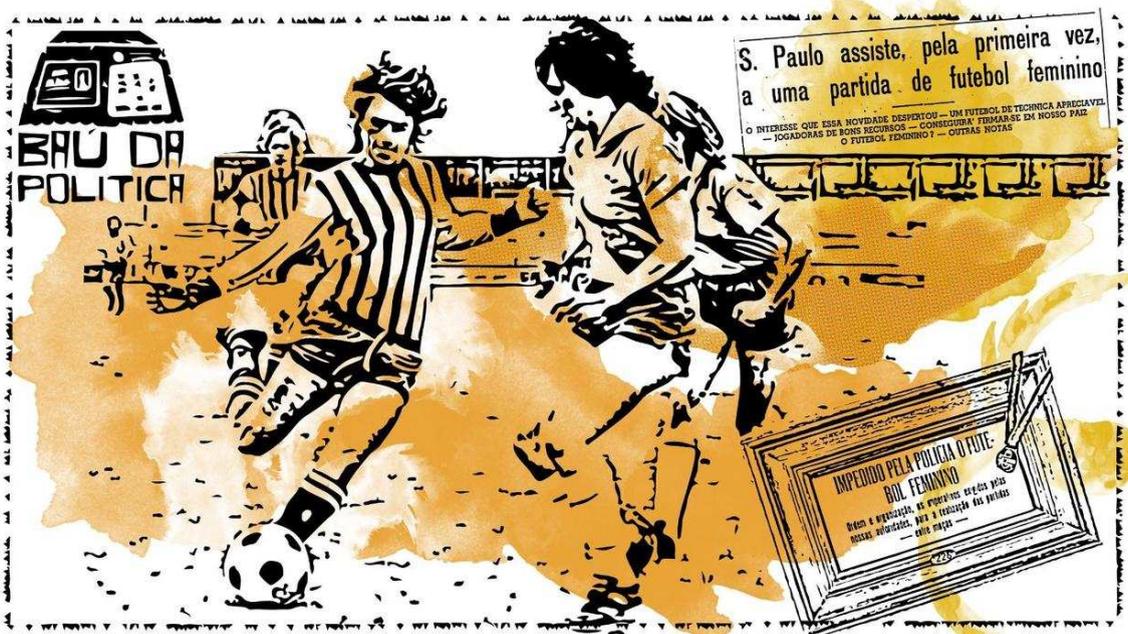


Fonte: Cornelsen (2012).

2.1.2 (Des)Igualdade de Gênero

O fenômeno de popularidade no esporte também alcançou as mulheres, que começaram a jogar. No ano de 1940, foi realizado um jogo de futebol feminino no recém inaugurado Estádio do Pacaembu, onde se enfrentaram os times Casino do Realengo e S. C. Brasileiro, servindo como prévia para o jogo de futebol masculino entre as equipes do São Paulo e do Flamengo. Porém, antes do jogo acontecer, ele já houve críticas por parte do jornal local, manifestando-se contrariamente à possibilidade de uma mulher jogar futebol, afirmando ser um atentado à saúde de uma futura mãe (Barros, 2023). No Brasil, as mulheres foram proibidas pelo decreto-lei 3.199 (Brasil, 1941) de jogar futebol, além de outros esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza”, de 1941 a 1983, a partir da ditadura da Era Vargas, durante o Estado Novo, passando por governos democráticos, até uma outra ditadura, a militar.

Figura 6 - Futebol Feminino



Fonte: Barros (2023).

"Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país" (Brasil, 1941).

A ideia da incompatibilidade de gênero com o esporte – devido ao imaginário social de beleza, fragilidade, maternidade e delicadeza – e da modalidade como violenta - exigindo força e resistência física, dentre outros elementos considerados “masculinos”, funcionava como o eixo argumentativo dos que se opunham à sua prática pelas mulheres. (Silva, 2015).

Como o decreto-lei de Vargas não especificava os esportes que as mulheres eram proibidas de praticar, o governo da ditadura militar resolveu o caso através de uma norma de 1965 do Conselho Nacional de Desportos, a qual explicitava o futebol dentre outros esportes, como as lutas.

O Brasil não foi o único país a proibir tal prática às mulheres, países europeus como o Reino Unido, a Bélgica, a França e a Alemanha também proibiram o esporte, assim como o Paraguai aqui na América do Sul. (Braun, 2023).

No Reino Unido, o futebol feminino conquistou seu espaço durante a Primeira Guerra Mundial, pois, como os homens do país tinham ido servir na guerra, houve uma lacuna no futebol local, que foi preenchido com sucesso pelas mulheres. Assim, elas, além de ocuparem lugar nas fábricas, também o fizeram nos campos, com públicos de até 50 mil pessoas. Um clube em especial se destacou, o Dick, Kerr's

Ladies, que contava com a grande artilheira, Lily Parr, autora de quase mil gols. (Braun, 2023).

Figura 7 - Dick, Kerr's Ladies



Fonte: Braun (2023)

Porém, com o fim da guerra a *Football Association* - FA, determinou que a partir de 5 de dezembro de 1921 a prática do futebol feminino estava proibida nos campos filiados à FA, justificando que poderia ser prejudicial à fertilidade da mulher. Somente em 1969 tal proibição foi retirada, após pressão da FIFA, no que resultou na criação da *Women Football Association* - WFA (Braun, 2023).

Seguindo o exemplo inglês, países como Alemanha e Bélgica também determinaram a proibição do futebol feminino em suas nações, sendo o primeiro no período de 1955 a 1970, ressaltando aqui que a proibição era referente à Alemanha Ocidental; no segundo ocorreu durante o longo período de 1920 a 1970. Em território francês, o intervalo de proibição para o futebol feminino foi de 1941 a 1970. (Braun, 2023).

Na América do Sul, além do Brasil, o Paraguai restringiu a prática do esporte para as mulheres no país, assim como os outros países, alegando ser contra a

natureza feminina. Tal restrição se deu durante os anos de 1960 até 1997, quando foi realizado o primeiro torneio de futebol feminino no país. (Braun, 2023).

Apesar deste decreto-lei, as mulheres jogaram futebol durante o período de sua proibição no Brasil, porém, com diferentes objetivos, umas como uma forma de luta por direitos, outras como atividade de lazer, outras ainda como fonte de renda, no caso das vedetes. (Silva, 2015).

As meninas e mulheres desafiaram o decreto, ocuparam os campos de várzea e se organizaram em espaços periféricos para continuar praticando a modalidade, mas perderam totalmente as competições e organizações esportivas que as apoiavam. (Barreira, 2023).

Mesmo nestes momentos em que praticavam o esporte esporadicamente e sem a mesma competitividade do futebol masculino, as mulheres enfrentavam o preconceito e a objetificação de seus corpos, sendo muitas vezes identificadas como vedetes, no sentido pejorativo, ou como mulheres com corpos masculinos, sendo até mesmo chamadas de homossexuais, pelo simples fato de estarem chutando uma bola em um campo. (Silva, 2015).

Sequer é possível apontar qualquer característica como naturalmente masculina ou feminina, além do que as construções sociais e culturais determinam formas de subjetivação dos corpos de homens e mulheres, para as quais a história deve estar sempre atenta. (Silva, 2015).

A objetificação dos corpos femininos é um grande problema na sociedade, e no esporte não é diferente, pois esta prática é utilizada com o objetivo de diminuir os feitos realizados pelas mulheres enquanto jogadoras de futebol, rebaixando assim sua técnica, habilidade e demais valências e competências de seu jogo a algo secundário, preferindo focar na aparência física, que em nada altera os resultados ou a performance dentro de campo, porém, tira ou reduz o brilho de suas conquistas.

Segundo Goellner (2005), as famílias tinham um temor perante a exibição e espetacularização do corpo feminino num ambiente de maioria masculina. Além disso, a participação feminina nestes eventos era considerada uma transgressão, visto que às mulheres era destinado o papel de mãe e cuidadora da prole.

A falta de investimento ainda é um grande empecilho para o desenvolvimento do futebol feminino "Quando não se estrutura (o futebol feminino), é quase como proibir" (Bonfim, 2023). Aira Bonfim complementa em "Há cada vez mais condições que vão dificultar que países menores ou mais pobres tenham representatividade dentro das classificações para chegar numa Copa do Mundo." (Bonfim, 2023).

Apesar de terem menos audiência e mídia em comparação ao futebol masculino, o futebol feminino recebe tanto ou mais críticas. Dentre elas, o racismo também está presente, sendo uma terrível herança da época colonial e escravagista por que o Brasil passou por três séculos. (Carvalho, 2023).

Durante uma partida do campeonato Candangão Feminino, a jogadora do Cresspom, Tamires da Conceição, foi alvo de ataques racistas por parte da torcida adversária, do Aruc, além de xingamentos contra as companheiras de time de Thamires. A jogadora fez um triste relato: “Na hora do jogo, segurei a onda por ser profissional. Joguei, me dediquei ao clube, mas depois quando coloquei a cabeça no travesseiro foi um baque, chorei bastante. Doeu, rasgou a pele” (Conceição, 2021). A Federação de Futebol do Distrito Federal comunicou através de assessoria que este foi o primeiro caso registrado no campeonato. (Quintino, 2021).

Figura 8 - Tamires da Conceição



Fonte: Quintino (2021).

Um outro caso aconteceu durante o Campeonato Brasileiro Feminino Série A3 durante um jogo entre Sport Club do Recife e Doce Mel, da Bahia, no qual a jogadora do time visitante foi alvo de ataques racistas vindos da arquibancada destinada à torcida do Sport em Recife, o que foi relatado na súmula do jogo pela árbitra Déborah Cecília, assim como pela vítima, a jogadora Natasha do Nascimento “Querida relatar também que caí e tive preconceito da torcida. Me chamaram de macaca, fizeram uh uh uh.” (Nascimento, 2022).

Figura 9 - Natasha do Nascimento



Fonte: Alves; Rodrigues. (2022).

Para tratar destes casos citados acima, o Código Brasileiro de Justiça Desportiva - CBJD, define que:

Art. 243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009).

PENA: suspensão de cinco a dez partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de cento e vinte a trezentos e sessenta dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais). (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009).

§ 1º Caso a infração prevista neste artigo seja praticada simultaneamente por considerável número de pessoas vinculadas a uma mesma entidade de prática desportiva, esta também será punida com a perda do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida, prova ou equivalente, e, na reincidência, com a perda do dobro do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente

do resultado da partida, prova ou equivalente; caso não haja atribuição de pontos pelo regulamento da competição, a entidade de prática desportiva será excluída da competição, torneio ou equivalente. (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009).

§ 2º A pena de multa prevista neste artigo poderá ser aplicada à entidade de prática desportiva cuja torcida praticar os atos discriminatórios nele tipificados, e os torcedores identificados ficarão proibidos de ingressar na respectiva praça esportiva pelo prazo mínimo de setecentos e vinte dias. (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009).

§ 3º Quando a infração for considerada de extrema gravidade, o órgão julgante poderá aplicar as penas dos incisos V, VII e XI do art. 170. (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009). (Brasil, 2010, p. 88).

Apesar de destinar parte de um artigo especificamente para o ato discriminatório, o CBJD não registra em suas 301 páginas a palavra racismo nenhuma vez. Vale destacar que o crime de racismo poderia se encaixar também nos seguintes artigos:

Art. 243-A. Atuar, de forma contrária à ética desportiva, com o fim de influenciar o resultado de partida, prova ou equivalente.

Art. 243-B. Constranger alguém, mediante violência, grave ameaça ou por qualquer outro meio, a não fazer o que a lei permite ou a fazer o que ela não manda.

Art. 243-C. Ameaçar alguém, por palavra, escrito, gestos ou por qualquer outro meio, a causar-lhe mal injusto ou grave.

Art. 243-D. Incitar publicamente o ódio ou a violência.

Art. 243-F. Ofender alguém em sua honra, por fato relacionado diretamente ao desporto. (Brasil, 2010, p. 86 e 87).

Casos assim não são exclusividade do Brasil, durante uma partida da Copa Libertadores Feminina, no duelo entre Corinthians e Nacional do Uruguai, uma jogadora da equipe brasileira, Adriana, foi chamada de macaca por parte de uma jogadora adversária. O Corinthians postou uma nota de repúdio para defender sua atleta. (Quintino, 2021).

“O racismo está em todo lugar, está no futebol, no vôlei, está em todos os esportes, está na esquina. Está no mercado quando a gente vai comprar um pão e todo mundo olha pra você, pro seu cabelo, vê o que você está pegando. É uma dor coletiva, as pessoas não têm noção do quanto machuca, do quanto dói” (Conceição, 2021).

Um grande problema para o combate ao racismo é a subnotificação de casos que ocorreram. "Há um receio grande das atletas denunciarem esse racismo com medo das portas fecharem" (Carvalho, 2023). Devido a essa subnotificação, não temos acesso aos dados sobre o que realmente aconteceu, apenas o que está registrado, o que resulta em valores não representativos diante da realidade. Como dito acima, tem atleta que prefere não relatar o racismo sofrido por medo de sofrer represálias. Isso acontece já que no futebol feminino as oportunidades de empregos são muito menores do que no futebol masculino, os clubes com maior estrutura para

abrigar o futebol feminino de forma decente são poucos e, caso a atleta seja punida pelo próprio clube por denunciar o racismo sofrido, é possível que ela não consiga se recolocar em outro clube profissional.

Segundo Carvalho (2023), "é preciso montar uma rede de proteção e acolhimento para que elas não se sintam sozinhas, e sim acolhidas". Isto acontece pois, a sensação de o agressor sair impune da situação pode levar a paralisar a atleta. Ele defende que haja punições exemplares aos agressores, pois, assim, as próprias atletas irão se sentir mais seguras para realizar a denúncia.

Segundo Ricardo Leão, gerente de desenvolvimento de projetos da Confederação Brasileira de Futebol - CBF, entidade máxima do futebol brasileiro, "É fundamental a coordenação, a integração, com outros agentes. A CBF, sozinha, não consegue resolver o problema do racismo. A gente precisa da cooperação com o setor público, com o setor privado e com a sociedade civil para que as iniciativas propostas possam ser implementadas" (Leão, 2023).

Os Estados Unidos da América - EUA têm a seleção mais tradicional e vencedora do futebol feminino, com 4 medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos, incluindo duas vitórias nas finais contra a seleção brasileira, 1 medalha de prata e 1 bronze, além de mais 4 títulos da Copa do Mundo Feminina, sendo assim, muito superior aos resultados alcançados até então pela seleção masculina dos EUA, que tem como seu melhor resultado um terceiro lugar na Copa do Mundo de 1930, a primeira da história.

Mesmo com todos estes requisitos citados acima, os valores recebidos pela seleção feminina dos EUA eram 40% menores do que os da seleção masculina do país, o que levou as jogadoras a exigirem na justiça a equiparação salarial por parte da *US Soccer*. As principais jogadoras como Alex Morgan, Megan Rapinoe, Carli Lloyd, Hope Solo e Becky Sauerbrunn tomaram a frente dos protestos, que tiveram apoio popular. Na esfera judicial, o embate sofreu com declarações misóginas como "jogar pela equipe masculina exigia mais habilidade e responsabilidade do que o equivalente feminino" (US Soccer, 2020). Ao final do processo, a seleção feminina venceu a batalha e foi ressarcida em 125 milhões de reais, pela diferença de valores recebidos nos últimos anos. (Souza, 2022).

Figura 10 - Seleção Feminina de Futebol dos EUA



Fonte: Souza (2022).

Assim como ocorreu nos EUA, uma estrela do futebol mundial também protestou por equiparação salarial e melhores condições para o futebol feminino na Europa, a jogadora norueguesa, que atua pelo Lyon da França, Ada Hegerberg, vencedora do prêmio Bola de Ouro de 2018, sendo considerada a melhor jogadora de futebol do mundo. Esta foi a primeira vez que a revista francesa *France Football* concedeu seu tradicional prêmio ao futebol feminino. (Moñino, 2019).

Em sua luta pela defesa de suas reivindicações Hegerberg chegou ao ponto de recusar uma convocação para a Copa do Mundo. “Sei o que quero e conheço meus valores, portanto é fácil tomar decisões difíceis quando você sabe quais são as ambições e quais são os valores que defende. Trata-se de ser sincera contigo, ser você mesma” (Hegerberg, 2018).

Figura 11 - Ada Hegerberg



Fonte: Donke (2022).

Em 2019, a federação norueguesa concordou em aumentar os valores recebidos pela seleção feminina para equipará-lo ao recebido pela masculina, o que ainda não havia feito a Hegerberg voltar a defender a seleção naquele momento. (Donke, 2022)(Américo, 2023).

Não estamos nem falando de igualdade salarial aqui, estamos falando de condições mínimas para sentir que você está sendo levada a sério e para que você possa, realmente, ter um desempenho no nível que deseja e precisa. (Hegerberg, 2022).

Ada Hegerberg voltou a jogar pela seleção em 2022, quando retornou para a disputa da Copa do Mundo.

Eu amo o futebol e eu quero jogar futebol. Eu tomei uma decisão em 2017 que eu mantive. Mas eu tive muito tempo para refletir nos últimos dois anos, em muitos aspectos. Eu fui capaz de ter muitas discussões honestas com a federação, por meio da Lise (Klaveness, presidente) primeiramente. Estou feliz em estar apta a voltar com o time e começar uma nova história. (Hegerberg, 2022).

No futebol brasileiro, o maior exemplo de ídolo do futebol feminino que temos é considerada a maior jogadora de todos os tempos, a Rainha Marta, eleita 6 vezes pela FIFA como a melhor jogadora do mundo, sendo 5 vezes consecutivas, levando a seleção brasileira a posições antes utópicas, considerando o histórico da modalidade no país: uma final de Copa do Mundo, na qual saiu com o vice campeonato e duas finais olímpicas, nas quais saiu com a conquista da medalha de prata. Além disso, Marta é hoje a maior goleadora de Copas do Mundo, tanto

masculinas quanto femininas, somando 17 gols, além de ser a maior artilheira da história da seleção brasileira de futebol, com 114 gols. (Dias, 2024).

Sabe o que é legal? Quando comecei a jogar não tinha ídolo no futebol feminino. Vocês não mostravam o futebol feminino. Como eu ia entender que poderia ser uma jogadora, chegar à seleção e virar uma referência? (Marta, 2023).

Marta representa a evolução do futebol feminino no Brasil. Ao lado das companheiras Formiga, que é recordista em participações em Copa do Mundo, atuando em 7 edições pela seleção brasileira, e Cristiane, a maior artilheira da história dos Jogos Olímpicos, elas revolucionaram a modalidade, trazendo visibilidade, conquistas e se tornando referência na luta das mulheres. "ninguém conhecia Marta. Agora viramos referência para muitas mulheres, não apenas no futebol (...) A gente acabou abrindo portas para a igualdade" (Marta, 2023).

Figura 12 - Marta



Fonte: Dias (2024).

Em 2019, Marta foi escolhida pelo secretário-geral das Organização das Nações Unidas - ONU para ser uma defensora dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Ela foi escolhida por seu papel na luta pela igualdade de gênero, servindo como exemplo de superação e inspiração para mulheres e

crianças. Marta também é embaixadora da ONU Mulheres. (Organização das Nações Unidas, 2019),

O preconceito e a falta de oportunidade já me doeram ao longo do meu caminho. Doeu quando meninos não me deixaram jogar. Doeu quando treinadores me tiravam dos campeonatos porque eu era apenas uma menina. Doeu quando deixei minha família com 14 anos de idade para enfrentar três dias de viagem de ônibus com dinheiro contado no bolso e ir morar sozinha no Rio de Janeiro para jogar futebol profissional. Mas minha certeza de onde eu iria chegar nunca me deixou desistir. (Marta, 2019).

Marta, junto à marca Centauro, produziram produtos com a marca Go Equal, a qual destinará verbas para o desenvolvimento de projetos que promovem a igualdade de gênero. “Como falamos no início, quando entrei no movimento, a bola é igual, o campo é igual, as regras são iguais. As mulheres jogam futebol da mesma forma que os homens. Não há motivo para não receberem o devido reconhecimento” (Marta, 2023).

Para exemplificar como a luta dessas grandes mulheres reverbera e inspira a luta de outras mulheres, no Brasil, em 2024, o Santos F. C. recolocou no cargo de técnico, Kleiton Lima, que já havia sido acusado de assédio moral e sexual por 19 jogadoras do próprio clube, situação que revoltou não apenas as jogadoras do Santos, mas de grande parte dos clubes do campeonato brasileiro feminino, com protestos nos jogos do Corinthians, do Palmeiras e do Cruzeiro. (Redação Jogada 10, 2024). As jogadoras colocaram a mão tapando a boca durante o hino nacional em forma de protesto. “Foi um manifesto. As mulheres precisam ter segurança para serem ouvidas. É isso o que queremos. Segurança para, no trabalho, não sermos abusadas moral ou sexualmente. No trabalho e na vida” (Albuquerque, 2024). Após pressão popular e repercussão negativa, o técnico Kleiton Lima pediu demissão do cargo.

Figura 13 - Jogadoras protestam contra assédio

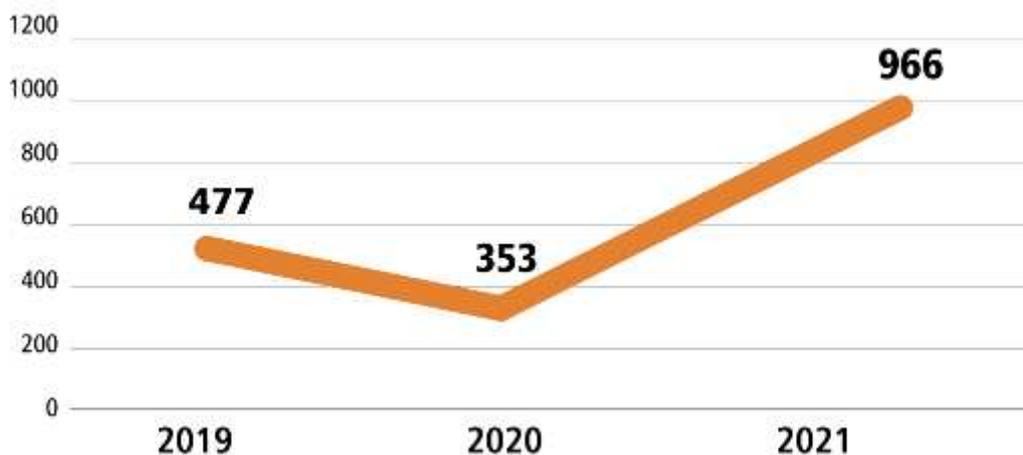


Fonte: Redação Jogada 10 (2024).

2.1.3 (In)Tolerância Religiosa

A intolerância religiosa é considerada crime no Brasil, através da lei nº 9.549/97, porém, as denúncias ao Disque 100 sobre a ocorrência de crimes dessa natureza tiveram um crescimento no país nos últimos anos, apesar de leve queda em 2020 como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Casos de intolerância religiosa no Brasil



Fonte: Disque 100. MDH. 2021

No Brasil, o jogador Paulinho, revelado pelo Clube de Regatas Vasco da Gama e com passagem pela Seleção Brasileira, foi alvo de intolerância religiosa. Ele faz parte de uma religião minoritária no país, o candomblé. Após a derrota da Seleção, as redes sociais pessoais do jogador receberam uma enxurrada de comentários preconceituosos como “Cadê o seu Exu agora Paulinho?”, “Paulinho macumba manchando a história da Seleção Brasileira”. Logo após o ocorrido, o Clube Atlético Mineiro, com o qual o jogador tem contrato no momento, se manifestou condenando a intolerância religiosa sofrida e levantando a bandeira do combate a tais crimes, agindo da mesma forma o Vasco da Gama. (Redação do ge, 2023).

Figura 14 - Paulinho



Fonte: Lobão (2023).

O fato de Paulinho ser um jogador de elite, jogar em um grande clube e chegar a ser convocado pela Seleção faz que os holofotes da opinião pública sejam apontados para ele. O jogador, no entanto, conhece seu lugar e utiliza sua imagem e voz em prol da conscientização: “Mas é algo que eu sempre vou estar lutando, usando meu nome e o meu poder de fala pra estar lutando contra esse tipo de preconceito que não tem cabimento nos dias de hoje” (Paulinho, 2023).

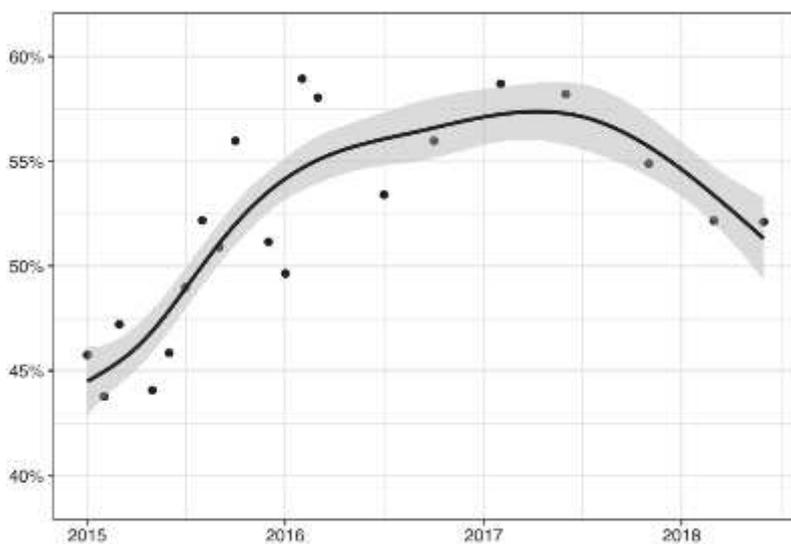
Em 2018, o jogador egípcio Mohamed Salah chegou ao Liverpool Football Club, o maior clube inglês e um dos maiores do mundo. Ele teve um temporada de estreia espetacular, quebrando o então recorde de gols da liga inglesa e levando o clube à final da Liga dos Campeões da Europa. Tal sucesso levou a torcida a dar e

ele o apelido de Rei do Egito e criar músicas para festejá-lo. Uma delas tem a seguinte letra:

Se Ele é bom o bastante para você
 Ele é bom o bastante para mim.
 Se ele marcar mais alguns
 Serei Muçulmano também.
 Ele está sentado na mesquita
 É lá que eu quero estar.

Pesquisadores do Reino Unido Alrababa'h *et al.* (2021) fizeram um estudo sobre o efeito no comportamento islamofóbico causado pela chegada do jogador Mohamed Salah ao Liverpool FC e identificaram que houve uma redução de 16% nos crimes de islamofobia na área de Liverpool. Além disso, foi verificado que os torcedores do clube pelo qual Salah joga postaram 47,8% menos *tweets* islamofóbicos na rede social X (antigo Twitter) do que torcedores de clubes rivais como os clubes de Manchester, Londres e o próprio rival da cidade, o Everton FC. Podemos perceber que a presença de um jogador de grande visibilidade foi capaz de promover uma mudança significativa no comportamento de uma determinada população, sendo Liverpool uma cidade com quase 500 mil habitantes e uma das mais importantes da Inglaterra. Através de sua imagem, seus feitos, demonstrar suas crenças dentro e fora de campo, e assim, modificar, em seu contexto, uma realidade que no país como um todo é de crescimento da islamofobia, com mais de 16 mil casos reportados de islamofobia. (Tell Mama, 2023).

Gráfico 4 - Casos de islamofobia



Fonte: Alrababa'h *et al.* (2021).

O gráfico acima demonstra a curva descendente do crime de islamofobia na Inglaterra. Vale ressaltar que antes da chegada de Salah, o Liverpool FC já tinha em seu elenco um outro jogador praticante do islamismo, o atacante senegalês Sadio Mané.

Figura 15 - Mohamed Salah e Sadio Mané



Fonte: Borges (2020).

Um outro caso de intolerância religiosa no meio futebolístico ocorreu desta vez na França e com um garoto da seleção sub-19 do país. Mahamadou Diawara precisou pedir dispensa da seleção, pois a Federação Francesa de Futebol proibiu que os atletas realizassem o jejum do Ramadã durante a concentração, algo sagrado para a religião islâmica. (Redação do ge, 2024). Tal fato demonstra a diferença de abordagem entre os países. Na Inglaterra, diferentemente, em partidas da Premier League em que havia jogadores islâmicos em campo, foi feita uma pausa rápida durante o jogo para que os atletas pudessem se alimentar, o que pode ser considerada uma atitude bem mais respeitosa que a demonstrada pela equipe francesa. (Joels, 2024).

Figura 16 - Mahamadou Diawara



Fonte: SportBuzz (2024)

2.1.4 Futebol e Política

Há um mito de que o futebol e a política não se misturam, sendo incompatíveis um com o outro, tornando o esporte, dessa forma, um espaço de alienação. Pode-se observar o uso da imagem do futebol, por exemplo, durante o período da ditadura militar, com a exploração da Seleção Brasileira como tricampeã mundial para fazer propaganda de um suposto bom governo. Há, neste cenário, uma clara manipulação, já que não se permitiam manifestações políticas pelos torcedores e jogadores, porém, simultaneamente o governo se beneficiava vinculando a vitória da Seleção ao seu mandato. No entanto, neste período surgiu um movimento de jogadores, liderados por Dr. Sócrates, capitão da Seleção Brasileira de 1982, chamado de Democracia Corinthiana. Tal movimento buscava dar protagonismo aos jogadores do Sport Club Corinthians Paulista para negociar os direitos de suas condições de trabalho. (Martins e Reis, 2014).

Figura 17 - Democracia Corinthiana



Fonte: Campos (2014).

A Democracia Corinthiana, que surgiu em 1982, é um exemplo de como o futebol pode servir de palco não apenas para belas jogadas, e sim para dar voz a luta de classes, buscas por justiça social, igualdade de gênero, combate ao racismo ou outras demandas que por ventura possam surgir na sociedade. O futebol é um campo de disputa política e ideológica. Cabe aos seus participantes, sejam eles jogadores, dirigentes ou torcedores, o papel de lutar pelo que acreditam ou deixar passivamente que uns poucos donos do poder usurpem o jogo para si.

Com a globalização do futebol após a aprovação da Lei Bosman, em 1995, os clubes de diversas partes do mundo passaram a contar com mais jogadores estrangeiros, pois a lei modificou os contratos de trabalho, delimitando um passe para cada jogador, um valor que se algum clube tiver interesse em contratá-lo, bastaria que pagasse aquela quantia para que a cláusula de rescisão de contrato fosse acionada e, assim, o jogador seria liberado automaticamente para defender um novo clube, caso aceitasse a proposta. A Lei Bosman mudou o futebol, já que, a partir daquele momento, clubes com a grande maioria de jogadores locais, devido à dificuldade anterior com o passe, além da limitação no número de jogadores estrangeiros para cada clube por parte da liga, passaram a contratar jogadores dos mais diversos lugares. Dessa forma, sul americanos, africanos e asiáticos foram ocupando espaços nos principais clubes europeus, além dos próprios europeus, que puderam jogar em clubes de outros países.

Com isso, a relação do torcedor com o seu clube passou por algumas transformações. Uma parte dos torcedores protestaram contra a chegada de jogadores de fora no clube, pois defendiam que jogadores locais teriam mais raça ao defender as cores e a camisa de seu clube; outros ficaram animados com as novas perspectivas que aquela novidade trazia consigo, elevando a qualidade do time em campo, a conquista de títulos, ao futebol bonito, a alegria em campo. Desde o início os sentimentos foram conflitantes.

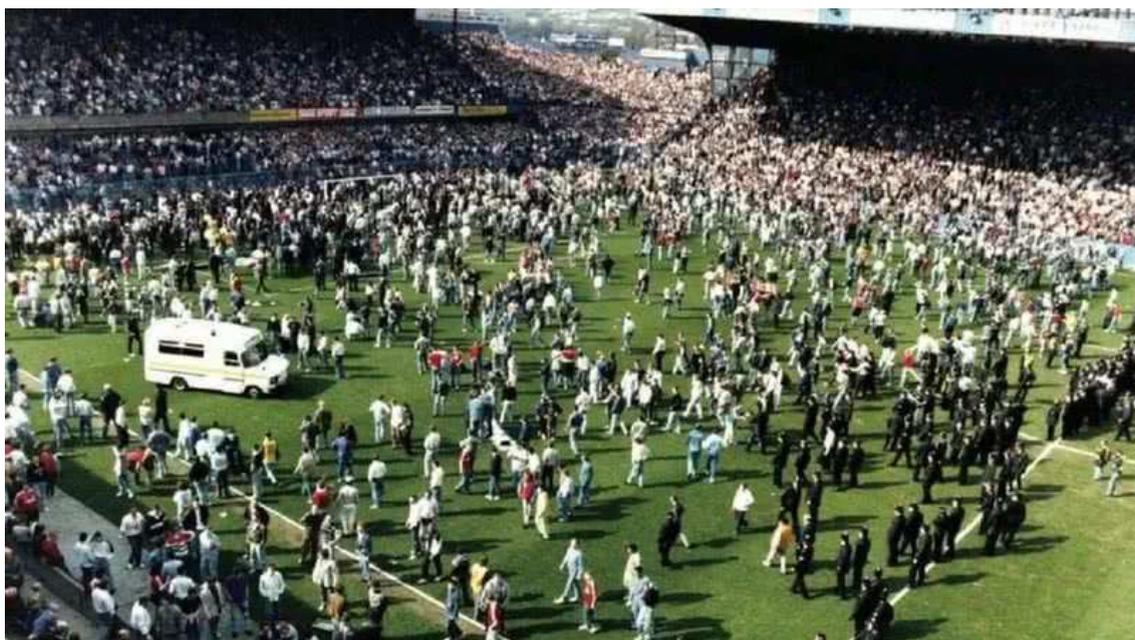
Um dos casos mais emblemáticos para a história onde a política e o futebol se encontram aconteceu durante o governo de Margareth Thatcher, a Dama de Ferro, no Reino Unido, durante os anos de 1979 a 1990, num caso que se tornou Thatcher x Futebol. O cenário do futebol britânico era problemático naquele momento, os *hooligans* tomavam conta dos estádios e faziam das arquibancadas e bares das redondezas campos de batalha. Os próprios estádios estavam em situações precárias, com pouco investimento em reforma e manutenção, além de serem muito antigos, pois, sendo a Inglaterra o berço do futebol, no ano de 1863 com a fundação da *Football Association* - FA, lá também que surgiram os primeiros estádios de futebol, como o Bramall Lane, inaugurado em 1855; casa do Sheffield United, clube que, no momento da escrita desta dissertação disputa a *Premier League*, que é a primeira divisão do campeonato inglês. (Lobo, 2013)

Para combater o *hooliganismo*, a Dama de Ferro resolveu intervir no futebol local, atacando o problema, porém, ela atacou o futebol como um todo. O governo Thatcher tratava o futebol como uma questão de ordem, e muitas pessoas poderosas na Grã-Bretanha dos anos 1980 consideravam as pessoas que frequentavam os jogos de futebol no país como *hooligans*, que deveriam ser policiados da forma mais firme possível. Esta leitura era ainda mais dura contra a população da cidade de Liverpool, outrora forte economicamente por ser uma cidade portuária, com seus sindicatos de trabalhadores e ideais de esquerda, ela foi relegada pela política pró Londres de Thatcher, que classificou seu povo como arruaceiros e insubordinados. (Lobo, 2013)(Beckett, 2012)(Marra, 2021).

Em 1985 ocorreu a Tragédia de Hillsborough, na cidade de Sheffield. Neste dia seria disputada a semifinal da Copa da Inglaterra entre as equipes do Liverpool F. C. e do Nottingham Forrest, porém, quando ainda estava nos minutos iniciais, vários torcedores do Liverpool foram sendo prensados contra as grades que separavam as arquibancadas do gramado. Como consequência, 97 pessoas

morreram, no mesmo momento ou em decorrência de sequelas anos depois e houve mais centenas de feridos. O governo e parte da imprensa, principalmente o tabloide The Sun, jornal até os dias atuais boicotado na cidade, colocaram a culpa sobre os próprios torcedores do Liverpool, classificando-os como violentos e *hooligans*, o que nunca foi aceito pela população local. (ESPN.com.br, 2020)(Gedra, 2020)(Cara, 2013).

Figura 18 - A Tragédia de Hillsborough



Fonte: Previdelli (2023).

O governo Thatcher se utilizou da tragédia para fazer a reforma no futebol inglês, colocou normas rígidas para a permissão de funcionamento dos estádios, através do Relatório Taylor, subiu o valor dos ingressos, o que resultou diretamente na mudança do público presente nos estádios, uma mudança que se mantém até hoje e afastou as classes mais pobres dos estádios. Se, por um lado, houve a modernização dos estádios, que ficaram mais seguros e confortáveis, o povo que frequentava foi preterido por aqueles de classes mais abastadas que tinham condições de pagar o carnê da temporada. (ESPN.com.br, 2020).

Figura 19 - Exponha as mentiras antes que Thatcher morra



Fonte: Laurito (2017)

No ano de 2012, os relatórios sobre a tragédia tornaram-se públicos, e ficou evidenciada a falha na organização do evento, na venda de ingressos e na atuação policial durante o jogo. Após esta publicação, o então primeiro ministro britânico, David Cameron, veio a público registrar o seu pedido de desculpas, assim como o presidente da FA. O Liverpool F. C. construiu um memorial em seu estádio, Anfield Road, para homenagear as vítimas da tragédia e frequentemente faz ações junto aos seus torcedores em memória dos 97 torcedores. (Rebello; Izidro, 2019).

Figura 20 - Homenagem às 97 vítimas da Tragédia de Hillsborough



Fonte: Paes (2024).

Seguindo na Europa, mas agora na Itália, o caso em questão é sobre o time Lazio e sua torcida, que tem seu comportamento descrito pelo jornalista Rafael Reis da seguinte forma:

Cantos racistas contra torcedores negros, críticas à diretoria por contratar jogadores de origem judia, proibição de presença feminina nos degraus de arquibancada mais próximas ao gramado e idolatria por um jogador que comemorou uma vitória fazendo um gesto eternizado pelo principal ditador da história da Itália. (Reis, 2020).

Os ultras da Lazio, já fizeram várias manifestações fascistas nos estádios italianos, desde reverência ao ditador fascista Benito Mussolini, o qual é considerado o torcedor mais ilustre do clube, passando por saudações fascistas e nazistas por parte de torcedores e jogadores, como Paolo di Canio e Stefan Radu, ao uso da imagem de Anne Frank, menina judia que fez importantes e chocantes relatos em seu diário sobre como era a vida dos judeus nos Países Baixos durante a invasão da Alemanha nazista no país, para fazer provocação antissemitas ao seu rival local, a A. S. Roma. (Reis, 2020).

Para entender melhor a gravidade dos fatos e não deixar o termo fascista sem explicação, Paxton diz:

o fascismo pode ser definido como um comportamento político marcado por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação de um grupo social, tido como vítima; um partido de base popular formada por militantes nacionalistas; uma cooperação ambígua com elites tradicionais; um repúdio às liberdades democráticas; limpeza étnica (havia perseguição a judeus e a membros da etnia roma — conhecidos popularmente como ciganos— tanto no nazismo quanto no fascismo, por exemplo); expansão internacional violenta; e desrespeito às leis e à ética. (Paxton, 2022).

Considerando o contexto da 2ª guerra mundial, no período de expansão territorial do nazi-fascismo, os alemães invadiram a Ucrânia e protagonizaram o chamado Jogo da Morte. Este jogo reuniu, de um lado, o time Star F. C. formado por jogadores do Dinamo Kyiv e do Lokomotiv Kyiv, que após a dissolução dos times durante a guerra, se reuniam para fazer partidas amistosas, e conseguiram grande destaque na região pelas vitórias conseguidas, o que chamou a atenção dos alemães, que tinham uma equipe, Flakelf, formada por soldados da Gestapo, a polícia nazista, e da Luftwaffe, a força aérea alemã. O resultado da partida foi 5x1 para os ucranianos, o que deixou os nazistas irritados e humilhados. Para resolver o problema, foi marcada uma segunda partida. (Bueno, 2022).

Figura 21 - Jogadores do Start F. C.



Fonte: Acervo O Globo [s.d.]

Durante a segunda partida, já havia a clara ameaça de que os alemães não aceitariam uma nova derrota. Porém, no estádio lotado, o Start F. C. venceu os alemães novamente, desta vez por 5x3, marcando uma posição de resistência junto ao povo ucraniano, tornando os jogadores heróis locais. (Vilela, 2022)(Braga, 2022).

No entanto, após a partida, eles foram perseguidos pela Gestapo, sendo torturados, mortos ou enviados para trabalhos forçados no campo de concentração, o que deu o já citado nome “O jogo da Morte” à partida. (Vilela, 2022).

Figura 22 - Estátua em homenagem aos jogadores do Start F.C. referente ao Jogo da Morte



Fonte: Acervo O Globo [s.d.]

2.2 O Futebol na Educação Física Escolar

A Educação Física, componente curricular obrigatória da educação básica, incluída na instituição republicana que é a escola, deve tratar seus conteúdos de modo a trazer a pluralidade de significados, tematizando as manifestações da cultura corporal de movimento. (González, 2020).

González e Fensterseifer (2009) defendem uma visão sobre o momento atual do ensino da Educação Física, de que ela não se enquadra mais na ideia tradicional, do ensino de técnicas e movimentos prioritariamente, embora não tenha chegado ainda ao ponto de ser um ensino puramente reflexivo, vivendo então em um estado de “o não mais e o ainda não”, um ponto de inflexão na história do componente curricular.

Souza Júnior e Darido (2010), defendem que ao tratar o futebol na escola, o professor deve ir além dos aspectos táticos e técnicos, levando em consideração suas mudanças históricas, as barreiras impostas ao futebol feminino, sua presença na cultura, a violência no campo etc. Aqui adicionamos a violência fora de campo, e a que acontece nas arquibancadas.

“cabe ao professor de Educação Física problematizar, interpretar, relacionar, compreender com seus alunos as amplas manifestações da cultura corporal de movimento, de tal forma que os alunos compreendam os sentidos e significados impregnados nas práticas corporais.” (Souza Júnior; Darido, 2010. p. 923).

Darido (2003) entende que o futebol deve ser trabalhado de modo a ir ao encontro das necessidades e interesse dos alunos, fomentando assim um ambiente inclusivo.

Assim como Darido, Freire é uma referência que tem uma importante participação na área da pedagogia esportiva no Brasil. Freire preza por uma perspectiva humanista no processo de ensino do futebol, priorizando a formação completa dos estudantes. Ele defende que o futebol pode ser uma ferramenta para a promoção de princípios como cooperação, responsabilidade e autonomia.

No seu livro "Pedagogia do Futebol", Freire questiona as abordagens convencionais de ensino que valorizam a rivalidade e a especialização precoce. Ele propõe que o futebol na escola seja um ambiente de descobertas e conhecimentos através do jogo, através do qual os jovens possam desenvolver suas habilidades de forma espontânea e prazerosa (Freire, 1997).

O autor ressalta a relevância de um espaço educacional que reconheça as diferenças individuais dos estudantes e aprecie as suas vivências anteriores com o esporte. Ele defende que o educador deve desempenhar o papel de mediador, auxiliando na construção do saber a partir das experiências dos próprios alunos.

Para o ensino da Educação Física, Silva, Moreira e Oliveira (2020) destacam a importância dos objetivos e dos conteúdos, sendo o objetivo um “componente de ensino que orientará o trabalho docente em vista do desenvolvimento integral dos educandos, tanto individual como social.” (Silva, Moreira e Oliveira, 2020).

“Se o que buscamos é a formação integral do aluno e a construção de uma sociedade transformadora, crítica, autônoma e democrática, faz-se necessário que nossos objetivos específicos estejam voltados nessa direção.” (Silva, Moreira e Oliveira, 2020).

Na Educação Física Escolar, há diversas formas de trabalhar o tema futebol, desde aquele em que o objetivo é jogar, integrando ou não aspectos técnicos e táticos, com um fim em si mesmo, ao que pode ser utilizado de forma contextualizada com a realidade do aluno, problematizando o que está acontecendo no futebol e fazendo reflexão para o aprendizado do estudante.

Para Scaglia (2003) ao ensinar futebol, o professor deve ter como objetivo contribuir para a formação humana do indivíduo e possibilitar a promoção do bem-estar de seus alunos, colocando os valores éticos em posição de destaque.

Bracht (1999) acredita que o futebol, assim o esporte, deve servir de instrumento para a transformação social do indivíduo, sendo trabalhado de forma a promover a consciência e a criticidade nos alunos no âmbito social e cultural. Ele ainda critica a forma tecnicista de se trabalhar o futebol, em que o objeto se limita ao ensino da técnica e da tática.

Para superar o método tecnicista, Bracht propõe que a abordagem a ser utilizada valorize as relações sociais do esporte no mundo, instigando os alunos a perceberem as diferenças sobre como os diversos países se relacionam com o esporte, seja nos exemplos positivos como as grandes festas nos estádios ou na parte negativa, com a desigualdade e violência.

Balzano *et al.* (2020) traz para o ensino da educação física escolar uma “proposta outra” para ensinar futebol, que se coloca como uma perspectiva decolonial de ensino dentro de uma abordagem intercultural, sendo este um projeto que visa a transformação sócio-histórica e estrutural. Essa proposta se diferencia das tradicionais por colocar o aspecto social em destaque, questionando as barreiras impostas pelo poder dominante e colonial, que colocava a educação física como instrumento de manutenção do poder e do *status quo*.

Kunz (1994) é mais um que critica a forma tradicional de ensino do futebol, e propõe que o ensino do esporte seja feito de forma a desenvolver a compreensão crítica do aluno, promovendo a conscientização social e cultural, através de uma abordagem dialógica.

2.3 O combate ao racismo nas aulas de Educação Física

“O racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu.” (Sant’Ana, 2005. p. 41).

Silvio Almeida (2019) faz um breve resumo da trajetória do ideal racista começando pela concepção liberal-iluminista de que o homem civilizado seria aquele que vive, trabalha, pensa e fala. A partir deste ponto, temos o homem europeu como central, detentor de saber cultural, contrapondo os diversos povos da Terra, americanos, asiáticos, africanos e oceânicos como povos a serem colonizados, aqueles que seriam agraciados com a civilização europeia. Tais populações não tinham conhecimentos sobre sua história e cultura, sendo tratados como inferiores.

“Os eventos da Segunda Guerra Mundial e o genocídio perpetrado pela Alemanha nazista reforçaram o fato de que *a raça é um elemento essencialmente político*, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico.” (Almeida, 2019, p. 22).

Ele continua em

“[...]o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.” (Almeida, 2019, p. 15).

Precisamos aqui ainda diferenciar o racismo de discriminação racial e do preconceito racial para evitar confusões conceituais. Recorremos a Almeida (2019) para explicar que o preconceito racial é o julgamento de alguém tomando como base o estereótipo apresentado por aquela pessoa com relação ao seu grupo racial, independentemente de se resultará ou não em práticas discriminatórias. Já a discriminação racial é definida como tratar alguém de forma diferente tendo como motivação seu grupo racial.

o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam. (Almeida, 2019, p. 22).

Almeida (2019) ainda classifica o racismo em três concepções, sendo elas: individualista, institucional e estrutural. Na primeira concepção, ele seria um fenômeno praticado por grupos isolados, de forma individual ou coletiva, não admitindo sequer a existência do racismo. Na segunda, o racismo já não é tratado de forma individual, como caso isolado, mas é consequência do funcionamento das instituições, em uma dinâmica de vantagens e desvantagens com relação a raça.

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. (Almeida, 2019, p. 32).

No último caso, o racismo é efeito da estrutura social, uma normalização do que acontece no cotidiano, não sendo uma doença social ou uma desordem institucional, mas efetivamente estrutural. (Almeida, 2019).

“[...]o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade.” (Almeida, 2019, p. 15).

“No caso do Brasil, o racismo contou com a inestimável participação das faculdades de medicina, das escolas de direito e dos museus de história natural, como nos conta Lilia Schwarcz em seu livro *O espetáculo das raças*.” (Almeida, 2019, p. 45). Ele continua explicando que durante o Estado Novo houve um discurso da democracia racial brasileira, que foi parte importante num momento em que a ciência e a cultura popular se uniram para defender ideias que normalizaram práticas racistas, o que demonstra que a educação também pode aprofundar o racismo, o que diverge do que poderia se pensar.

Então, quando uma criança negra é chamada pelo colega de “macaco”, “pretinho”, ou ouve que “o cabelo dela é feio, é ruim” e as pessoas adultas responsáveis pelo processo educativo não fazem nada – ou seja, silenciam –, temos uma manifestação do racismo estrutural. (Nascimento, 2020).

No Brasil, a ideologia racial, juntamente a negação do racismo são mantidos pelo discurso da democracia racial. Em um contexto onde não há racismo, não há motivos para que as pessoas negras obtenham sucesso a não ser sua própria insuficiência. “No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial.”(Almeida, 2019. p, 45).

O racismo está tipificado no código penal como crime pela lei 7.716/89 (Brasil, 1989).

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. ([Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97](#))

Art. 2º-A Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro, em razão de raça, cor, etnia ou procedência nacional. ([Incluído pela Lei nº 14.532, de 2023](#))

Pena: reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa. ([Incluído pela Lei nº 14.532, de 2023](#))

Parágrafo único. A pena é aumentada de metade se o crime for cometido mediante concurso de 2 (duas) ou mais pessoas. ([Incluído pela Lei nº 14.532, de 2023](#)) (Brasil, 1989).

Podemos observar aqui que houve modificações na lei para que ela se torne mais abrangente, abrangendo um maior número de pessoas no Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população brasileira é formada por 45,3% pardos, 42,8% brancos e apenas 10,6% negros. Esses dados são da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios - PNAD Contínua, que faz os registros a partir da autodeclaração dos indivíduos. (Brasil, 2022).

Através da pesquisa citada acima, podemos registrar um aumento no número de pessoas que se autodeclararam pretos ou pretas em todas as regiões do país nos últimos 10 anos, porém, ainda é um percentual muito pequeno, já que o Brasil é o “país que tem a segunda maior população negra do mundo ou a primeira fora do continente africano.” (Silva, 2016. p. 13).

Em meio a isso, há a escola, que é um local de ensino e aprendizado. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, lei 9.394/96, a escola tem a incumbência de, entre outras coisas:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. [\(Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008\).](#)

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. [\(Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008\).](#)

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. [\(Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008\).](#) (Brasil, 2023).

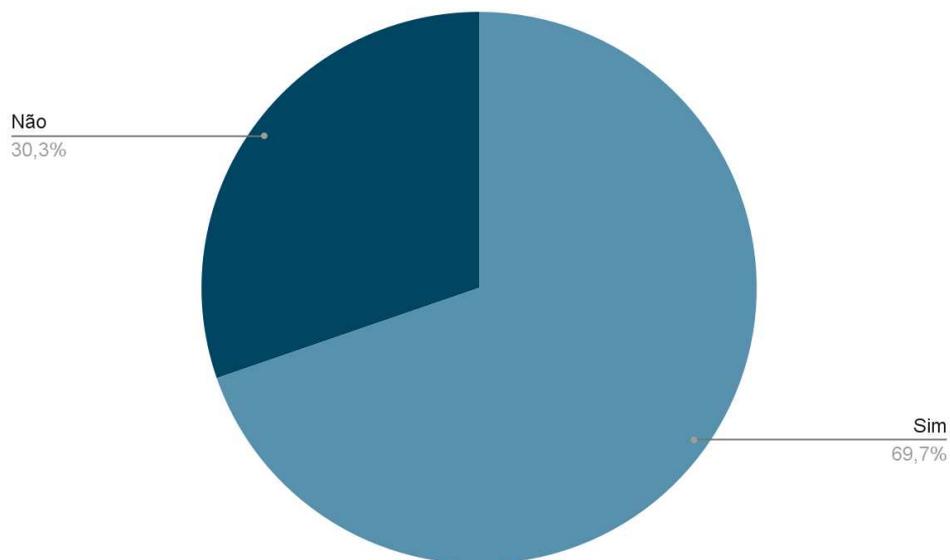
Segundo Nascimento (2020), foi a partir da promulgação da lei 11.645/2008 que houve grande avanço no debate antirracista na escola, trazendo consigo uma mudança na formação de docentes e na produção de material didático dos estados e municípios. Ela destaca ainda que o debate se faz importante pois representa um tensionamento nas discussões. Nascimento faz uma ressalva sobre não haver apoio por parte do Estado brasileiro para a implementação da lei e que mais investimento seria necessário.

A publicação da lei 10.639/03 (Brasil, 2003) foi um importante marco para a educação brasileira pois alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei 9.394/96, determinando que as africanidades sejam ensinadas nas escolas como parte do currículo e devem perpassar todos os componentes curriculares. Sendo assim, ela se faz presente no cotidiano escolar inserido nas diversas atividades produzidas pelo corpo docente. Silva (2016) enfatiza que a existência dessa lei trouxe esperança às pessoas, sendo ainda mais relevante àqueles descendentes dos africanos que foram escravizados no Brasil, oferecendo acesso a informações

como suas origens, história e características, além da possibilidade de reconhecer seu valor para o país.

Segundo Pereira *et al.* (2019) em seu estudo que abrange além da lei 10.639/03 sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, a lei 11.645/08 História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, demonstra que 69,1% dos professores de educação física lotados na prefeitura de Fortaleza não tinham conhecimento sobre tais leis.

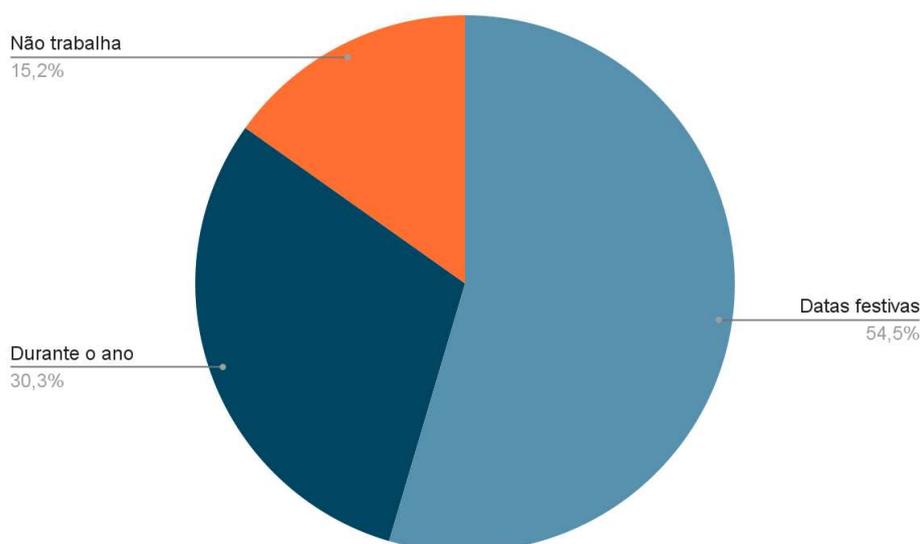
Gráfico 5 - Professores com conhecimento sobre as leis 10.639/03 e 11.645/08



Fonte: Pereira *et al.* (2019)

Além disso, 54,6% deles abordavam questões ligadas à temática apenas em datas festivas, como o dia da consciência negra, dia do índio. 30,9% dos entrevistados, no entanto, disseram trabalhar essas temáticas ao longo do ano letivo. (Pereira *et al.* 2019).

Gráfico 6: Professores que trabalham as leis 10.639/03 e 11.645/08



Fonte: Pereira *et al.* (2019).

Buscamos estes dados para a pesquisa para demonstrar que ainda há falhas dos professores que dificultam que as políticas de afirmação raciais sejam plenamente implementadas nas escolas, e perpassem transversalmente todos os objetos de conhecimento.

Além de uma legislação que contemple as questões étnico-raciais, é preciso produzir uma educação que seja de fato antirracista. E no que tange ao futebol a educação física como componente curricular pode dar uma enorme contribuição, visto que o esporte é um dos seus objetos de ensino. (Santana, 2023).

Na sala de aula, o racismo acontece através de falas e ações, que podem ser disfarçadas de brincadeira entre colegas de sala, em momentos de discussão durante as práticas das atividades corporais ou mesmo em sala de aula durante alguma divergência. Para Figueredo e Cruz (2021) é importante que as relações de poder sejam alvo de um trabalho pedagógico que ofereça a possibilidade de questionamentos.

Como diz Cantuário e Alves (2021), a escola é um espaço que serve ao propósito de convivência e socialização e é esse cenário que oferece suporte para o desenvolvimento de uma pedagogia de combate ao racismo, em que todos trabalham com o objetivo de justiça e igualdade.

“Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.” (Freire, 1996. p. 17).

Munanga (2005) trata da falta de preparo dos educadores para lidar com as manifestações de discriminação que acontecem cotidianamente no âmbito profissional. Tal despreparo, causado pelo mito da democracia racial. Além disso, o fato de termos uma formação eurocêntrica favorece a reprodução, consciente ou inconsciente dos preconceitos presentes em nossa sociedade. Como consequência, alguns professores, quando confrontados com situações de discriminação flagrantes no ambiente escolar, não sabem como agir de modo pedagógico para discutir e conscientizar seus alunos acerca da importância e riqueza cultural que a diversidade traz.

cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (MUNANGA, 2005. p. 17).

Munanga (2005) ainda traz como problemática a falta de diversidade das personagens apresentadas nos livros didáticos. Silva (2005) complementa comentando que o professor de Ensino Fundamental deveria ter uma formação específica no intuito de prepará-lo para identificar e corrigir estereótipos nos materiais pedagógicos. Isto poderia ser útil, porém, os alunos dos anos finais do ensino fundamental das escolas públicas municipais de Fortaleza não recebem o livro didático de Educação Física, sendo o único componente curricular em que isso acontece.

Para Figueredo e Cruz (2021), cabe à educação física questionar as relações de poder presentes nas práticas corporais, além colaborar para o combate às desigualdades sociais, raciais e culturais dentro do processo educativo.

Silva (2016) fez um curso, utilizando o Atletismo para abordar o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Física Escolar e na formação de professores de Educação Física, abrindo, dessa forma, caminho para que o curso seja adaptado para a Educação Básica.

a educação física antirracista é uma reivindicação para a reparação histórica, que se atenta ao princípio de empoderamento, incorporando os saberes necessários, produzidos pelo(s) movimento(s) negro(s) para reafirmar o direito à diferença na cultura corporal, na realidade escolar como processo de enfrentamento no combate ao racismo, às desigualdades e às discriminações. (Nóbrega, 2020).

O futebol, como um fenômeno sociocultural e o esporte mais popular do Brasil, aparece aqui como elemento atrativo de discussões sociais, culturais e

raciais. O futebol está presente em diversas camadas da sociedade brasileira, desde as mais prejudicadas economicamente até as mais abastadas. Ele é consumido, debatido, reproduzido, reinventado, refletido, compreendido e problematizado das mais diversas formas e com inúmeras intenções. Por ser o esporte mais popular do Brasil, o futebol é motivo de discussões diárias na sociedade, seja sobre os gols da rodada ou as polêmicas que por ventura possam ter ocorrido em algum jogo do mundo.

Atualmente, as ligas nacionais europeias estão no topo do futebol mundial, sendo as ligas inglesa, espanhola, alemã, italiana e francesa as cinco principais. Fatos que ocorrem durante os jogos dos principais clubes dessas ligas reverberam de forma relevante nos demais países consumidores de futebol no mundo, aqui incluso o Brasil. No Brasil, os clubes que possuem jogadores brasileiros de destaque em seu elenco têm mais visibilidade perante a mídia, que faz uso da imagem do jogador para vender seus produtos. O Brasil, país com o maior número de títulos de Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA, é prolífico na formação de jogadores e é o maior exportador de jogadores de futebol do mundo. (Gorziza; Vieira; Buono, 2024).

Os principais jogadores brasileiros são Neymar Jr. e Vinícius Jr., ambos com milhares de fãs pelo mundo, tendo, assim, considerável poder de influenciar sua massa consumidora. Vinícius Jr., desde que se tornou profissional pelo Clube de Regatas do Flamengo, é alvo de críticas desproporcionais a sua performance em campo, muitas vezes ultrapassando o limite da crítica ao profissional para atacar a pessoa, proferindo xingamentos por causa de sua cor. (Redação do ge, 2023).

Em linhas gerais, não é costumeiro para os jogadores de futebol brasileiros opinar sobre temas polêmicos para a sociedade, muitas vezes preferindo se abster. Em contrapartida, a União das Federações Europeia de Futebol - UEFA, em suas normas, diz combater o racismo (UEFA, 2013), faz campanhas, premia clubes pelo combate ao racismo, como fez ao Borussia Dortmund (Lusa, 2019), sanciona clubes por cânticos racistas de seus torcedores, como no caso do Slovan Bratislava (Lusa, 2022)., No caso do brasileiro Vinícius Jr., no entanto, ela se mostra omissa (Redação do ge, 2023).

Durante a premiação *The Best* promovida pela FIFA, a seleção brasileira venceu o prêmio *FIFA Fair Play 2024*, por sua atuação na luta contra o racismo no futebol.

Não há lugar para injustiça no mundo, e o futebol pode nos levar à igualdade na sociedade. O futebol é uma das melhores ferramentas do mundo para a inclusão social. Vamos usar esta ferramenta para educar as pessoas para viverem num mundo de igualdade. (Cafú, 2024).

Podemos perceber que há, a nível de premiação, incentivo para que as entidades do futebol atuem para combater o que há de errado e sejam exemplos para quem está assistindo e participando do espetáculo.

Vinicius Jr. é um jovem preto, de origem humilde do Rio de Janeiro. Ainda antes de estrear entre os profissionais do Flamengo, Vinicius Jr, foi contratado pelo Real Madrid, da Espanha, o maior clube do mundo, por 45 milhões de euros. Tanto dinheiro por um jogador que ainda não era profissional levantou crítica negativa sobre a qualidade do futebol do jovem atacante da Gávea. Dentro de campo, ele sempre respondeu seus críticos com gols e belas exibições.

Figura 23 - Vinícius Júnior.



Fonte: Redação da TNT Sports (2024).

Já na Espanha, Vinicius Jr. encontrou diferentes barreiras no seu jogo. Além de precisar melhorar muito para atuar no time principal do Real Madrid, o jogador passou a receber críticas pesadas da mídia espanhola e de torcedores dos clubes adversários nos estádios por onde passava. O que antes era uma crítica relacionada às quatro linhas, passaram a estar presentes também fora delas. Cânticos racistas foram proferidos contra ele. Bananas foram arremessadas ao campo em sua

direção. “Torcedores” reproduziram gestos e sons de macacos em referência a ele (Wisniewski, 2023). A posição de La Liga, a liga que administra a elite do futebol espanhol, se limitou a divulgar notas de repúdio, assim como a Real Federação Espanhola de Futebol.

O Real Madrid, clube que Vinícius Jr defende, atualmente se pronunciou cobrando a Real Federação Espanhola de Futebol nos seguintes termos:

E, finalmente, estamos surpresos com as declarações do presidente da Federação Espanhola de Futebol, Luis Rubiales, porque sendo o chefe do futebol espanhol e do estabelecimento de arbitragem, ele permitiu que não fossem tomadas medidas contundentes, de acordo com os protocolos da FIFA, para evitar a situação que foi alcançada. A imagem do nosso futebol está seriamente danificada e deteriorada aos olhos de todo o mundo. Por todas estas razões, estamos muito preocupados que nenhuma ação tenha sido tomada pela Federação Espanhola de Futebol durante todo este tempo, apesar dos óbvios e repetidos sinais de alarme que o nosso clube tem vindo a denunciar. (Real Madrid, 2023).

Vinicius Jr. reagiu dentro e fora de campo. Nas quatro linhas, responde ativamente aos seus agressores, apontando e denunciando para as autoridades quem eles eram, para que as atitudes cabíveis fossem tomadas. Fora delas, usou seu poder e lugar de fala para criticar abertamente as pessoas que cometeram tal abuso contra ele e também as frouxas leis e decisões das autoridades sobre os casos de racismo que acontecem no país europeu.

Após ser vítima de racismo por parte de “torcedores” do Valencia no jogo entre Valencia x Real Madrid em La Liga, Vinícius Jr. deu a seguinte declaração: "Não foi a primeira vez, nem a segunda e nem a terceira. O racismo é o normal na La Liga." (Oliveira Júnior, 2023).

O presente trabalho traz Vinicius Jr. como inspiração, justamente por sua postura combativa e voz forte perante o ambiente inóspito vivido na Espanha, por jamais abaixar sua cabeça, servindo de exemplo para milhões de pessoas que se sentem representadas pela posição assumida pelo brasileiro.

Dentro da escola, o professor, através de sua metodologia, tem a possibilidade de mobilizar uma turma para discutir temas sensíveis da sociedade, como o racismo, a igualdade de gênero, a luta de classes e demais temas. Paulo

Freire (1996) já dizia que o professor é aquele que não se omite nas injustiças, ele age com rigorosidade metódica.

Pode-se dizer que “ser-professor(a)” é uma construção angariada no decorrer de um longo processo, pois é preciso tempo para assimilar a formação, para aprender como agir, para tomar decisões e principalmente para se reconhecer como um formador das futuras gerações. (IZA et al. 2014. p. 276).

Neste ponto se faz fundamental a intervenção do professor, por ser aquele que age para levantar pontos da temática a serem problematizadas, contribuir para a reflexão crítica dos alunos, oferecendo ferramentas adequadas ao objetivo que se busca alcançar, neste caso, a conscientização dos alunos acerca do racismo e a não aceitação de xingamentos e brincadeiras que se utilizem da temática aqui problematizada.

3 PERCURSO INVESTIGATIVO

A pesquisa partiu da identificação por mim, como professor, de que em uma turma havia ofensas racistas durante as aulas entre os alunos, sugerindo então a necessidade de uma intervenção pedagógica. No momento que percebi a situação, tomei a decisão de repreender o aluno por sua fala, explicando que aquilo não poderia mais se repetir e que daquela forma ele estava atingindo a dignidade do colega de classe, além de que estaria sujeito a sanções disciplinares por parte da gestão escolar.

3.1 Universo da pesquisa

Uma escola da rede pública do município de Fortaleza, Ceará, em uma turma de 8º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental no período da tarde com duas horas/aulas geminadas por semana, ou seja, uma aula seguida da outra, sendo 110 minutos de aula ininterruptos. A escola em questão atende todas as séries do Ensino Fundamental, tanto dos Anos Iniciais quanto dos Anos Finais, e tem turmas de Educação de Jovens e Adultos - EJA, funcionando nos períodos manhã, tarde e noite, sendo o ensino noturno reservado apenas às turmas de EJA.

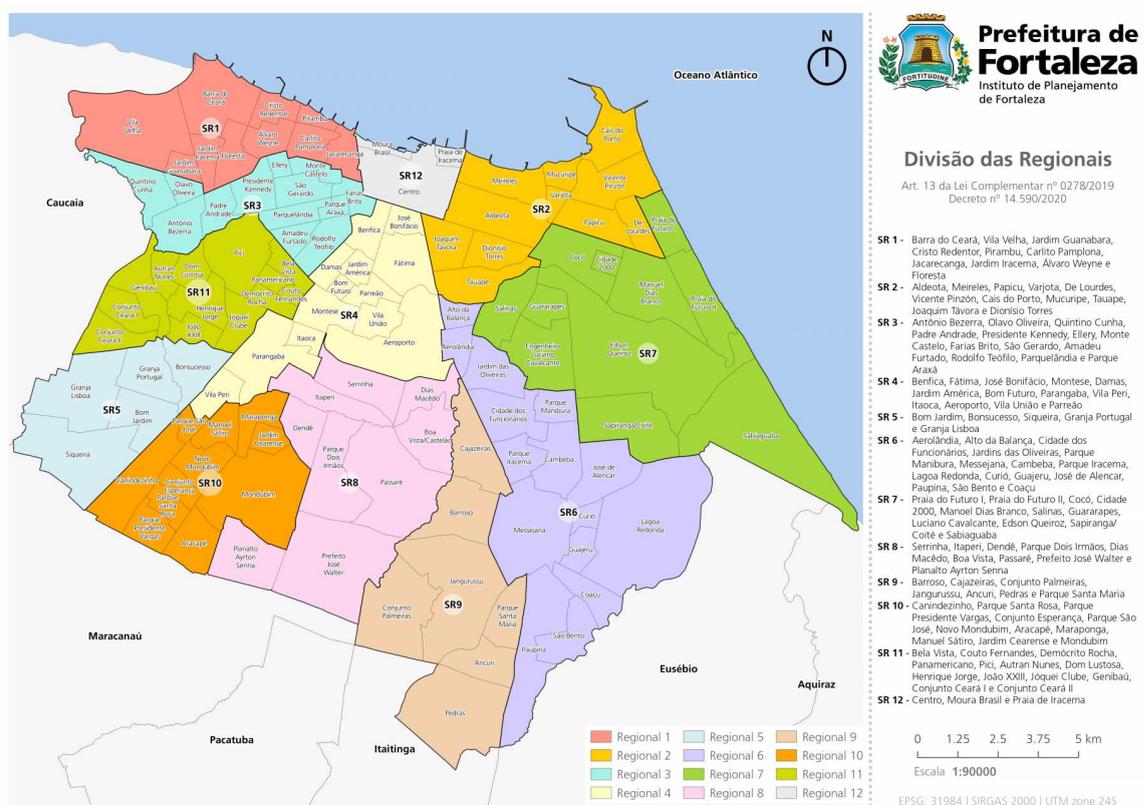
O prédio não dispõe de uma quadra poliesportiva ativa, tendo uma indisponível para uso no momento de escrita desta dissertação, estando em processo de reforma, entretanto com obras paradas. Os espaços pedagógicos disponíveis são as salas de

aula e uma sala de inovação, as quais não possuem refrigeração por aparelho de ar-condicionado.

A escola dispõe de projetores de vídeo e caixa de som para reprodução de mídias em sala de aula ou na sala de inovação. Além disso, a Prefeitura Municipal de Fortaleza forneceu a seus professores microfones e chromebooks.

A escola fica na periferia de Fortaleza, Ceará, nordeste do Brasil. Administrativamente, a cidade é organizada em doze regionais, estando a escola na regional X, Distrito de Educação V, próxima de espaços esportivos como uma Areninha, que é um espaço com campo de futebol onde se realizam projetos esportivos e uma sede da Rede Cuca, prédio com quadras poliesportivas, piscina, cinema e amplo espaço para cursos e atividades culturais, sendo os dois espaços públicos geridos pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, oferecendo aos jovens, incluindo a faixa etária dos alunos e alunas, diversas atividades esportivas e culturais.

Figura 24 - Mapa das regionais de Fortaleza



Fonte: Tosi (2021)

O estado do Ceará atingiu o 1º lugar entre os estados do nordeste do Brasil no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal IDH-M e 12º do entre todos os estados

da federação, o que representa uma evolução para o estado com relação ao último índice, que avalia renda, longevidade e educação. (Martins, 2023).

O IDH-M é um importante parâmetro para avaliar os municípios e, assim, identificar as desigualdades sociais e educacionais e, com esses dados, permitir que os recursos sejam utilizados de forma mais assertiva e adequada a cada município. (Martins, 2023).

A cidade de Fortaleza está avaliada em 0,754 no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, sendo a maior nota possível 1,0 (IBGE, 2010). Com esta avaliação, a capital do Ceará está ranqueada com melhor IDH do estado e é considerada com índice alto.

Apesar da boa colocação, Fortaleza é uma cidade ainda muito desigual. Segundo o Desigual Lab, uma plataforma do Instituto de Planejamento da Prefeitura de Fortaleza, a diferença entre o bairro com a maior expectativa de vida na capital, que é o Parreão, e o de menor expectativa de vida, o Novo Mondubim, é de 21 anos, ou seja, mais de duas décadas de diferença. (Desigual Lab, 2024)(Viana, 2024).

O bairro onde a escola está localizada, o Manoel Sátiro, possui IDH de 0,2922, ocupando a posição 70° entre os bairros da capital e sua população tem expectativa de vida de 66,6 anos. Vale ressaltar que tal bairro é vizinho ao supracitado Novo Mondubim, o que demonstra que a região possui grandes dificuldades. (Desigual Lab, 2024).

3.2 Participantes

A turma em questão, 8° ano dos anos finais do Ensino Fundamental, turno tarde, foi escolhida por ter sido aquela em que aconteceu a situação que desencadeou a necessidade da intervenção. Tem 34 alunos e alunas, sendo configurada como mista, sendo todos identificados com desenvolvimento típico. No momento inicial da pesquisa todos da turma estavam aptos a participarem da pesquisa. Os critérios de exclusão do grupo de pesquisados será por falta ao dia da aula, se recusar a participar da pesquisa ou não responder ao questionário de modo satisfatório com o que pede a questão. A faixa etária da turma varia de 12 a 15 anos de idade.

3.3 Materiais e Métodos

Os materiais que foram utilizados durante a intervenção são vídeos, áudios e textos que foram apresentados através do projetor da escola dentro da sala de aula da turma. Este material foi selecionado por mim, tomando como base de dados a mídia virtual sites, como o *Trivela*, o *Observatório da Discriminação Racial no Futebol*, podcasts, como o *Copa Além da Copa*, *Ubuntu Esporte Clube*, *Futebol no Mundo*, *Correspondentes Premier*, canais de *YouTube* que tratem de futebol e tenham em sua pauta o combate ao racismo em suas manifestações e a mídia física, como os livros *O Negro no Futebol Brasileiro*, *Como o Futebol Explica o Mundo*, dentre outros.

A metodologia escolhida foi a abordagem qualitativa, pois buscava-se conhecer as percepções dos alunos e das alunas investigados acerca dos acontecimentos relacionados a racismo e futebol. Segundo Triviños (1987), a pesquisa qualitativa possibilita ao professor-pesquisador modificar aspectos da pesquisa durante seu processo, fornecendo assim, maior flexibilidade.

Dentro da abordagem qualitativa, com relação aos procedimentos, foi selecionada a pesquisa participante, pois ela se caracteriza pela interação entre os atores abordados na pesquisa e o próprio pesquisador. Além disso, ela tem um caráter emancipatório. (Novaes; Gil, 2009).

Em muitos contextos, o(a) investigador(a) que conduz a pesquisa faz o papel de professor(a)-pesquisador(a), tornando-se responsável tanto pelas intervenções pedagógicas propostas como pela produção das informações, desenvolvendo uma produção científica da realidade Investigada e concomitantemente uma intervenção crítica e promotora de transformações no ambiente escolar. (Velloso *et al.* p. 05, 2022).

Segundo Gianotten; Witt. (1999) apud Novaes; Gil. (2009), a estratégia da pesquisa participante consiste em estimular a comunidade em um processo de criticidade e fomento aos processos de mudanças políticas.

O ponto de origem da pesquisa participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Mesmo que a ação de pesquisa e as ações sociais associadas a ela sejam bem locais e bem parciais, incidindo sobre apenas um aspecto de toda uma vida social, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma vida social. (Brandão; Borges, 2007).

O presente trabalho assume a Perspectiva Progressista para o ensino da educação física na escola, que traz em seu cerne a metodologia problematizadora para promover uma reflexão-ação crítica para com a sociedade. A supracitada metodologia de intervenção é detalhada em cinco partes, sendo elas: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final.

Para a intervenção, a sala de aula foi organizada com os alunos e as alunas ficaram dispostos em semicírculo, foram abordados em sala no início da aula, momento no qual foi explicado que seria realizada uma intervenção para uma pesquisa.

A intervenção foi realizada de tal forma que, primeiramente, foi entregue um questionário para que eles respondessem qual é a sua percepção sobre o racismo. O questionário foi recolhido e foi aberto espaço para perguntas dos alunos e das alunas sobre o questionário, as quais foram anotadas após o momento da aula em um diário de bordo. Por fim, foi realizada uma entrevista semi-estruturada.

A utilização do questionário na pesquisa tem as vantagens de se obter respostas mais precisas, liberdade nas respostas e menor risco de distorção (Marconi; Lakatos, 2003). Através da aplicação deste instrumento foi possível ter acesso ao conhecimento prévio dos alunos e das alunas, sobre o que eles entendiam sobre racismo e como ele ocorre na sociedade.

Quanto ao diário de bordo, ele serviu para registrar as discussões e os comentários dos alunos e das alunas que surgiram durante o processo da intervenção e que não foram captados pelo questionário.

Os quadros abaixo foram adaptados de Ramos (2020) para o contexto específico desta pesquisa, utilizando a perspectiva progressista como base para organização e estruturação da intervenção pedagógica.

Unidade Didática – Educação. Física – 2.º bimestre/ 5 semanas			
Título da Unidade: A questão do Racismo no Futebol			
Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento da criticidade por meio das discussões de casos de racismo que acontecem no ambiente do futebol e assim combater o preconceito racial.			
Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol			
Objetivos Específicos: Conhecer opiniões diversas sobre o tema em questão; Refletir sobre as situações apresentadas na aula; Debater com os colegas respeitando opiniões contrárias às suas.			
Dimensão do Conteúdo: Social, Político, Cultural			
Passos	Material de Apoio	Ação Pedagógica	Análise e Discussão sobre o conteúdo
Prática Social	Espaço para a	O que os alunos e	Aplicação de

Inicial	realização das discussões	as alunas já conhecem sobre o tema? Quais são as opiniões deles?	questionário e registro das reflexões em Diário de Bordo
Problematização	Sala de Inovação	Quais problemas conseguem identificar? Detalhar as possíveis causas.	Registro das reflexões em Diário de Bordo
Instrumentalização	Projetor, caixa de som e sala de inovação	Apresentar a vídeo-reportagem Torcedora registra atos racistas contra Vinicius Jr. em Valência e revela choro à ESPN: 'Me senti ameaçada e com medo' (Hofman, 2024); O Racismo Estrutural na Cultura do Futebol Márcio Chagas TEDxUnisinos. (TEDx Talks, 2019); VINI JR CHORA NA COLETIVA AO FALAR SOBRE RACISMO: 'CADA VEZ TENHO MENOS VONTADE DE JOGAR' (UOL Esporte, 2024).	Refletir sobre os casos de racismo apresentados em texto e vídeo, questionar a mensagem que é passada através deste tipo de atitude.
Catarse	Sala de inovação	Avaliação sobre a intervenção através de textos registrados no blog ou outros meios aos quais o aluno e a aluna prefira se expressar.	A catarse poderá demonstrar através dos registros produzidos pelos alunos que o ambiente do futebol e do esporte é para todos, que as

			<p>As pessoas não precisam ir ao campo ou às arquibancadas correndo o risco de serem vítimas de racismo, que todos podemos ser protagonistas na luta contra o racismo e por uma sociedade mais justa e respeitosa.</p>
Prática Social Final	Sala de Inovação	Selecionar ações práticas como a criação de regras ou indicações de comportamento na escola.	Para a prática social final será proposto que os alunos criem ou adaptem regras do esporte ou de comportamento para solidificar o combate ao racismo no ambiente escolar.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

As ações pedagógicas desenvolvidas na Prática Social Inicial 1.ª Semana

Título da Unidade: Racismo no Futebol

Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento da criticidade por meio das discussões de casos de racismo que acontecem no ambiente do futebol e assim combater o preconceito racial.

Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol

Objetivo Específico: Conhecer opiniões diversas sobre o tema em questão; Refletir sobre as situações apresentadas na aula; Debater com os colegas respeitando opiniões contrárias às suas.

Proposta: A aula se iniciou com a apresentação do tema da Unidade Didática e os objetivos a serem trabalhados. Logo em seguida foi esclarecido que no primeiro momento seria realizado um diálogo com algumas questões referentes sobre o

que eles consideravam e compreendiam sobre o tema, para que fosse possível registrar o estado de compreensão dos alunos sobre o conteúdo.

Discussão sobre o conteúdo: Quem joga futebol? Quem assiste futebol? Todos podem jogar futebol? Existe alguma situação de preconceito em relação às pessoas pretas jogarem futebol? Por que alguns jogadores sofrem preconceito durante um jogo de futebol? O que leva alguém a excluir ou desrespeitar alguém durante o jogo de futebol?

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Na segunda semana, respectivamente aulas 3 e 4, foi retomado o que havia sido discutido na aula anterior através de um quiz sobre o que eles aprenderam sobre o racismo. Após este momento, foi transmitido um vídeo-documentário sobre o tema racismo no futebol. Foi pedido para que os alunos registrem o que mais chamasse sua atenção acerca do documentário.

As ações pedagógicas desenvolvidas na Problemática 2.^a Semana

Título da Unidade: Racismo no Futebol

Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento de atitudes e valores por meio da interação social, contribuindo para o esclarecimento quanto às condições socioeconômicas e culturais na qual os educandos estão inseridos.

Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol

Objetivo Específico: Permitir uma mobilização do pensamento quanto às questões que envolvem o fenômeno estudado.

Proposta: Visando uma mobilização de pensamento quanto às questões levantadas na prática social inicial, foram idealizadas duas ações práticas para os alunos e alunas: estarão dispostos em 5 grupos, os quais jogarão futebol em um espaço reduzido com as regras padrão. Em um segundo momento, eles jogarão implementando adaptações visando o respeito e a lealdade entre eles.

Discussão sobre o conteúdo: Foi proposto que os alunos analisem situações ocorridas no jogo, levando em consideração as questões levantadas na prática social inicial.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Na terceira semana, foram lidos para a turma, alguns relatos escritos por eles mesmos, preservando o anonimato, para lembrá-los o que trabalhamos na aula

passada. Então, foi transmitido, em forma de vídeo, depoimentos de pessoas ligadas ao futebol relatando casos de racismo e como esses casos repercutiram em suas vidas e na vida das pessoas ao seu redor. Novamente foi pedido para que eles registrassem o que mais lhes chamou atenção.

As ações pedagógicas desenvolvidas na Instrumentalização 3.ª Semana

Título da Unidade: Racismo no Futebol

Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento de atitudes e valores por meio da interação social, contribuindo para o esclarecimento quanto às condições socioeconômicas e culturais na qual os educandos estão inseridos.

Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol

Objetivo Específico: Refletir sobre as dificuldades históricas que propiciam até hoje algum tipo de preconceito no esporte.

Proposta: Foi apresentado aos alunos os vídeos **Torcedora registra atos racistas contra Vinicius Jr. em Valência e revela choro à ESPN: 'Me senti ameaçada e com medo'** (Hofman, 2024); **Negros em Foco | Racismo no futebol | 01/11/2022** (TV Cultura, 2022). A proposta é, por meio dos vídeos apresentados eles possam refletir sobre o tema contido na instrumentalização, expostas na prática social inicial e explicitadas na problematização.

Discussão sobre o conteúdo: Após a aula expositiva, foi proposta uma discussão reflexiva sobre os conteúdos apresentados.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Na quarta semana, foi feita a catarse através de uma avaliação sobre o que o aluno ou a aluna conseguiu absorver até aquele momento da intervenção.

As ações pedagógicas desenvolvidas na Catarse 4.ª Semana

Título da Unidade: Racismo no Futebol

Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento de atitudes e valores por meio da interação social, contribuindo para o esclarecimento das condições socioeconômicas e culturais na qual os educandos estão inseridos.

Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol

Objetivo Específico: Avaliar o quanto o aluno e a aluna se aproximou da solução dos problemas anteriormente levantados sobre o tema em questão.

Proposta: Foi proposta, nesta aula, uma avaliação informal por meio de uma escrita de própria autoria do aluno descrevendo os conceitos incorporados sobre o conteúdo ministrado.

Discussão sobre o conteúdo: Através da catarse, foi possível identificar nos registros dos estudantes questões como: a importância da prática do esporte como um direito de todos; a importância de reconhecer a participação, cooperação e respeito em qualquer modalidade esportiva; e a capacidade de atitudes dos participantes em transformar a realidade, superando o preconceito racial no meio esportivo.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Na 5ª semana realizei entrevistas semi-estruturadas com os alunos e as alunas, abrindo espaço para falarem sobre o que aprenderam ou depoimentos que quiserem fazer. Como fechamento, foi reproduzido um vídeo e os alunos e as alunas foram incentivados a produzir algo de forma que traduza o que sentem ou aprenderam através da intervenção.

As ações pedagógicas desenvolvidas na Prática Social Final 5.ª Semana

Título da Unidade: Racismo no Futebol

Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento de atitudes e valores por meio da interação social, contribuindo para o esclarecimento das condições socioeconômicas e culturais na qual os educandos estão inseridos.

Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol

Objetivo Específico: Possibilitar aos alunos e alunas desenvolver ações individuais e coletivas voltadas ao compromisso social, mediante o novo conhecimento.

Proposta: Para a prática social final, no intuito de perceber se o aluno modificou sua leitura sobre a prática social inicial, será proposto que criem ou modifiquem regras do futebol ou de comportamento para solidificar o combate ao racismo no ambiente escolar.

Discussão sobre o conteúdo: Nesta fase, por se basear na espontaneidade dos alunos ao criar novas formas de analisar e compreender a realidade de forma mais ampla e crítica, não serão realizadas intervenções reflexivas durante o processo.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Os dados foram coletados no início e no decorrer das aulas. A importância de responderem com seriedade e honestidade foi reforçada com os alunos. Foram coletadas em sala de aula.

No início, apresentei para os alunos e as alunas como se daria a intervenção, com sua justificativa e relevância do objeto de pesquisa para a Educação Física. Foi entregue em forma de convite o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e o Termo de Anuência Livre e Esclarecida - TALE, que apresentam linguagem clara e direta.

Para a aplicação do questionário, foi explicitado aos alunos e às alunas que a participação na intervenção não afetaria as notas relacionadas aos estudos do componente curricular de Educação Física. Tal questionário serviu para investigar o entendimento dos discentes relacionado ao racismo.

Além do questionário, o diário de campo foi utilizado como instrumento de coleta durante a intervenção, para registrar as observações relevantes produzidas pelos alunos e alunas e uma entrevista semi-estruturada.

3.5 Procedimentos para a análise de dados

A análise dos dados foi feita tomando como base a Análise do Conteúdo, de Bardin (2009) para analisar as respostas apresentadas pelos alunos e alunas aos questionários aplicados e suas produções resultantes das discussões e reflexões construídas durante a intervenção.

3.6 Aspectos Éticos

Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Ceará e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 79591324.9.0000.5054.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Prática Social Inicial

A intervenção teve início com a chegada da 2ª etapa do ano letivo, que foi escolhida para trabalhar a unidade didática Esportes e, dentro dela, os Esportes de Invasão, que, por sua vez, tem o futebol dentro desta classificação, segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018).

Na apresentação da unidade didática foi explicado que estudaríamos sobre o futebol e que ele pode ser trabalhado pelos mais diversos espectros da cultura corporal de movimento, podendo ser pelo básico do aprender a jogar, com técnicas, táticas, a prática do jogo em si, ou aprender sobre o jogo, contextualizando a origem histórica, a cultura, as relações sociais através do jogo e que, neste último poderíamos encontrar temas transversais que enriqueceriam o aprendizado e a bagagem cultural da turma. Logo, foi apresentado à turma que iríamos realizar uma intervenção pedagógica problematizando a temática futebol relacionada ao racismo como forma de conscientização e combate e que esta intervenção serviria a uma pesquisa de mestrado.

Foi explicado à turma que a intervenção teria uma duração de 5 semanas de aulas, em que eles iriam precisar responder a um questionário inicial, abordando o que eles já sabem, como um ponto de partida, posteriormente, seriam apresentados vídeos e textos explicando o que é racismo, como ele se manifesta, exemplos na sociedade e no futebol, e que eu iria mediar a interação entre eles, alunos e alunas e o conteúdo apresentado, contextualizando para trazer o mais próximo possível da realidade deles e delas, para que seja uma informação acessível a todos e a todas e faça sentido dentro do contexto em que vivem.

Iniciando a Prática Social Inicial, foi entregue aos estudantes um questionário impresso para cada um, ao mesmo tempo em que escrevi as questões no quadro, com o objetivo de comentar com os alunos e as alunas, questão por questão, com o estudante que se sentisse confortável em expor sua opinião para a turma, o que foi feito por alguns alunos, enquanto outros preferiram reservar suas respostas ao questionário impresso. Foi feito desta forma para que houvesse a possibilidade de um debate, uma troca de ideias, que eles fossem comentando e contribuindo para a construção ou desconstrução das respostas uns dos outros, a depender dos argumentos apresentados para defender suas ideias.

Acredito que a forma acima apresentada obteve êxito em seu objetivo, pois através das discussões orais foi possível desenvolver respostas mais amplas e embasadas do que as registradas pelos próprios alunos e alunas em seu questionário impresso, o que pode ter contribuído até para aqueles que preferiram se reservar, mas podem ter sido influenciados pelo debate ocorrido em sala de aula.

Com relação às respostas ao questionário, quando perguntados se sabiam o que era racismo e como ele acontece, todos os alunos e alunas disseram saber o que é racismo e exemplificaram dizendo que é “quando chama o outro de macaco” (Estudante 23, menino branco) ou sendo através de “apelidos maldosos, desrespeitar uma pessoa pela aparência. ex: chamar o outro de picolé de asfalto” (Estudante 11, menino branco).

Tais respostas evidenciam que apesar de declarar saber o que é racismo e dar alguns exemplos, só foram exemplificadas questões explícitas, relacionando diretamente a pessoa preta a macacos, o que, apesar de serem exemplos corretos, são superficiais dada a grande complexidade, como de que forma ocorre de forma mais sutil na sociedade, como o racismo estrutural.

Ao serem questionados sobre se chamar uma pessoa de macaco ou fazer som de macaco é um ato racista, a ampla maioria concordou que sim, porém, um aluno respondeu que “depende” e defendeu sua resposta respondendo que “tem pessoas que realmente parecem macacos, então, com estas pessoas, isto não seria racismo” (Estudante 18, menino branco). Em cima do comentário do colega, um outro ponderou que “segundo a ciência, nós humanos viemos dos macacos, temos um ancestral em comum, logo, a resposta do colega não era tão absurda quanto parecia, mas que ele mesmo achava errada e condenava tal ato como racismo” (Estudante 20, menino branco).

Na segunda pergunta, onde era questionado sobre se eles já haviam sofrido ou já presenciaram casos de racismo, a maioria afirmou já ter presenciado e citaram como local do ocorrido uma praça. Dentro do universo da pesquisa 2 alunos afirmaram já terem sido vítimas de ofensas racistas, segundo eles, de forma verbal agressiva, como forma de xingamento e tentativa de inferiorização deles. Um deles exemplifica assim: “eu deixo algumas pessoas me chamarem de nego, mas quando uma pessoa que eu não conheço me chama de preto, macaco ou nego, aí eu já posso denunciar essa pessoa porque eu não gostei.” (Estudante 28, menino preto). Podemos perceber aqui a importância dada aos fatores a) quem fala/age; b) qual é o

objetivo da fala/ato; c) em que contexto acontece tal fala/ato. Entendemos então que entre amigos, em comum acordo, há a permissão para que termos como “nego”, utilizado como vocativo da pessoa em um contexto amistoso seja aceitável e muitas vezes demonstra até um nível de proximidade maior entre as pessoas envolvidas. Porém, não é possível dizer o mesmo quando os fatores citados acima não são respeitados, sendo lidos então como uma ofensa a ser denunciada e a pessoa que proferiu sendo tratada como agressora e criminosa, já que o racismo é tipificado como crime pelas leis nacionais.

Com relação à terceira questão, aos serem perguntados se tiveram conhecimento de algum caso de racismo na escola, as respostas foram divergentes, com metade da turma afirmando que nunca souberam de casos de racismo na escola e a outra metade afirmando de forma positiva, que tiveram conhecimento. Este ponto é determinante para a pesquisa, pois ela partiu de um caso de racismo ocorrido em sala nesta turma, em que um aluno chamou o outro de macaco, o que nos leva a avaliar que, como dito na resposta da segunda questão, no entendimento dos alunos, o fato de a pessoa que proferiu a ofensa racista ser amigo da pessoa que sofreu o racismo, anula a gravidade da situação e a ofensa em si, como evidenciado pela seguinte fala “acredito que não, pois todos os insultos são concordados pelas duas partes”(Estudante 23, menino branco). Por outro lado, temos os seguintes relatos que nos levam em direção opostas da resposta anterior. “sim, na minha sala tem diversos casos todos os dias” (Estudante 11, menino branco), “sim, acontece muito” (Estudante 22, menina preta) e “sim, ano passado na educação física quando meus amigos derrubaram um caderno e um menino falou que foi os macacos” (Estudante 19, menino preto).

Fica aqui evidenciado que alguns alunos tinham uma definição do que é racismo mais precisa do que outros, sem fazer relativizações para amenizar o ato e possuem um olhar mais crítico que outros para identificar quando ocorre. Em relação a resposta dada acima sobre a “concordância entre as partes”, podemos ver que este é um terreno nebuloso, no sentido de que, por mais que as partes diretamente envolvidas na ação concordem em não se ofender, as pessoas que estão presenciando tais atos podem não estar de acordo com este entendimento e se sentirem elas mesmas insultadas e ofendidas pela forma como o outro é tratado, o que é mais uma justificativa para que não se permita que aconteça e que haja uma

intervenção pedagógica, mesmo que as partes diretamente envolvidas diminuam ou recusem a gravidade da situação.

Diante da quarta questão, em que foi perguntado se eles faziam alguma ligação do tema racismo a alguma personalidade do esportes, seja atletas, gestores, jornalistas etc., o nome de Vinícius Júnior foi quase uma unanimidade. Em um universo de 34 estudantes, o jogador brasileiro do Real Madrid foi citado por 31 deles, provando ser o grande baluarte da luta antirracista no esporte, rosto e voz daqueles que lutam por igualdade racial e não aceitam ser insultados e atacados em sua dignidade. Este resultado comprova de forma positiva a hipótese levantada por mim de que as ações de Vinícius Júnior tinham grande repercussão na sociedade, principalmente entre os mais jovens e adolescentes, colocando uma luz e dando visibilidade à luta por direitos iguais, servido de exemplo às novas gerações e exercendo através da força de suas palavras e ações uma força gravitacional que gera uma deformação nos campos em que atua e onde sua energia alcança, forçando assim a mudança e endurecimento de leis, como as promovidas por La Liga, UEFA e FIFA, que passaram a adotar um protocolo mais rígido a ser acionado em caso de racismo em campo, quando, por ventura, não seja respeitado por quem está proferindo os ataques racistas, a equipe ou o jogador vítima, podem sair de campo sem ter prejuízos esportivos Destaco aqui a palavra “esportivo”, pois os danos a dignidade da vítima já estavam consumados. Também foi aumentada a pena para os clubes destes torcedores racistas, com a perda de mandos de campo, perda de pontos no campeonato e até a exclusão de competições.

Além dessas mudanças mais burocráticas, legislativas, podemos perceber, e considero isso o mais importante, a mudança na percepção do jovem que acompanha o futebol, pois antes da chegada de Vinícius Júnior aos grandes palcos europeus, já havíamos tido outros jogadores brasileiros sendo vítima de racismo, porém, as respostas dadas por eles foram diferentes, uns levando para o lado de “isso não me atinge, não ligo”, outro se posicionando através de campanhas publicitárias fortemente engajadas na mídia como a campanha “somos todos macacos”, campanha esta criticada pelo movimento negro (Martins, 2014). Estes jogadores não tiveram sua imagem prejudicada no meio do futebol, foram saudados pela forma conduziram a situação de forma pacífica, porém, surge a questão que foi respondida pelos alunos na próxima questão, “Qual forma de reação gera impacto real?”. Sabemos que a reação proporcionada pelo Vinícius Júnior já teve o mérito de levantar

o debate perante a sociedade. Outros atletas mencionados foram Pelé, Neymar Júnior, Gabriel Barbosa, Rodrygo, Ronaldinho, Balotelli, Pogba, Drogba, todos do futebol. Para além do esporte bretão, os atletas mencionados foram LeBron James e Muhammad Ali, atletas de enorme relevância na luta do movimento negro.

Na quinta questão, foi questionado se eles acreditam ou não se uma reação de enfrentamento tem efeitos positivos no combate ao racismo, tópico no qual a turma também se mostrou dividida, com metade céticos com os possíveis resultados, alegando que “não porque eles não ligam e não vai mudar nada” (Estudante 21, menina preta), “não porque tem que debater e falar com eles” (Estudante 16, menina branca) e “não porque vai deixar os torcedor com mais raiva e fazer ele chamar mais ainda perder o domínio da jogada” (Estudante 04, menino preto), o que evidencia uma falta de esperança de que tais comportamentos seriam modificados através do enfrentamento, e um deles dando como opção debater e falar com eles.

A outra metade da turma, que acredita que uma mudança pode partir destes movimentos de enfrentamento, responderam que “sim, eles podem usar sua influência para mudar isso” (Estudante 23), “sim, podemos mudar falando pra polícia” (Estudante 08, menino branco) e “sim, muitos ficam calados, mas precisamos reagir! calar a boca dos racistas” (Estudante 12, menina preta). Podemos notar que são falas de esperança, em que vêem um caminho para a mudança, como no primeiro recorte, que é a ideia também defendida por mim, que é corroborada por uma fala firme, de rigorosidade e legalidade, onde buscam o auxílio das autoridades para que o problema seja resolvido e por último um necessário desabafo, de quem não aceita passar por situações problemas calado e que vai lutar por seus direitos.

Na sexta e última questão, sobre o que deveria ser feito em casos de racismo, o teor das respostas foi chocante e triste. Parte dos alunos, segundo o que responderam, reagiria com violência, chegando até ao ponto matar, como evidenciado nesta fala “aumentaria a vigilância e a pena (e utilizaria utensílios como isqueiros e gasolina)” (Estudante 23, menino branco). As palavras “agredir” também se repetia várias vezes, reforçando o ideal de resolução através da força, da violência. O grande mestre Paulo Freire (1987) já dizia que quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar opressor. Estas falas com resoluções violentas podem vir de diversos aspectos, destaco aqui algumas possibilidades como o ambiente sócio-cultural em que esses adolescentes vivem. Fortaleza - Ce, é uma cidade que nos últimos anos vem amargando a triste marca de ser uma das mais violentas do

mundo, que sofre com o avanço das facções criminosas, atraídos pela posição privilegiada que a capital cearense tem como rota de viagens, exportações e importações.

A presença dessas facções e seu *modus operandi* no cotidiano dos bairros periféricos de Fortaleza faz que o jovem naturalize a violência, o assassinato, o crime em si, relativizando situações ou diminuindo o valor que é dado a elas pelo fato de que aquilo não é algo extraordinário e sim, parte do dia-a-dia das famílias que precisam ali viver.

4.2 Problematização

Na segunda etapa da intervenção, caracterizada como Problematização, foi retomado o que eles haviam registrado durante a Prática Social Inicial para relembra-los do ponto de partida e onde estavam no momento.

Foi apresentado aos alunos na sala de inovação um vídeo conceituando o que é racismo, inclusive exemplificando as diferenças dos tipos de racismo. Neste vídeo “Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL! - Canal Preto” (Canal Preto, 2019) foram apresentadas as definições de racismo, foi feito um levantamento histórico da luta pela abolição das escravidão, os passos e leis que foram avançando neste intuito, além de mostrar comentários sobre o que significava de forma prática na vida daquelas pessoas a assinatura daquela lei. Um exemplo disso é a lei que proíbe as pessoas negras de possuírem terras, o que os tornava automaticamente em pessoas em condição de rua e logo posteriormente a esta lei e à abolição, o governo deu incentivos à imigração de europeus, principalmente de italianos e alemães, e de japoneses, com o objetivo de embranquecer a população brasileira. Durante a apresentação deste vídeo, os alunos demonstraram atenção e se mostraram surpresos com a forma de como foi construída a abolição, pois só sabiam da existência das leis, mas não tinham acesso à contextualização de como as pessoas daquela época lidaram com aquilo, que resultou em perguntas como “e para onde as pessoas iam?” se referindo às pessoas que eram escravizadas e agora estavam liberas, “e como elas iam ter dinheiro pra comer?” (Estudante 02, menina branca), momento no qual os questionei sobre como eles pensam que esses problemas se resolveram, ou mesmo se foram resolvidos.

4.3 Instrumentalização

Nesta etapa do processo, o professor deve promover o conteúdo a ser trabalhado de forma que o aluno se aproprie do conhecimento de modo significativo. Então, os alunos foram reunidos na sala de inovação da escola e relembramos as aulas anteriores, da Prática Social Inicial e da Problematização, conversamos sobre os conceitos aprendidos, o que ficou registrado e o que se perdeu durante a semana e foram reforçados de forma breve os conceitos de racismo, racismo estrutural e os exemplos dados no vídeo da aula anterior.

Logo após, foi explicado a eles e elas que seriam apresentados vídeos ainda com a narrativa de como o racismo acontece, porém, estes estariam ligados diretamente ao futebol, ou a pessoas ligadas ao futebol. Primeiro foi apresentado o vídeo “O Racismo Estrutural na Cultura do Futebol | Márcio Chagas | TEDxUnisinos” (TEDx Talks, 2019) em que o ex-árbitro Márcio Chagas, que era vinculado a Federação Gaúcha de Futebol, relata como desde criança convive com o racismo, desde quando era a única criança preta nas escolas em que estudou, como era também o único preto no time de futsal juvenil, que ouvia comentários racistas de colegas e dirigentes da equipe, de que ele fazia parte de uma cota para pretos, ou que “ele é muito bom, só tem um defeito...”, fala que através do vídeo, podemos entender que a pessoa em questão coloca a cor de Márcio como um defeito seu, algo abominável, ainda mais para uma criança.

Durante a reprodução desses momentos do vídeo, os alunos fizeram uma correlação da vida de Márcio Chagas com a de Chris Rock apresentada no seriado Todo Mundo Odeia o Chris, em que o protagonista sofre diversos casos de racismo em sua escola por ser o único aluno preto em uma escola localizada em um bairro de brancos nos EUA.

Mais a frente no vídeo, Márcio revela episódios de racismo por parte de torcedores, que chegaram a colocar bananas em seu carro na saída do estádio e ainda sobre o fato de dirigentes da federação local tentarem intervir para que ele não denunciasse o crime ocorrido, buscando manter a imagem do torneio limpa, colocando-a acima da dignidade da pessoa do árbitro. Ele também relata que depois de um período, passou a fazer seu aquecimento no vestiário, enquanto seus colegas de arbitragens, brancos, faziam o aquecimento no campo. Ele relata que fazia isso por precaução, por já ter sofrido racismo diversas vezes nestes momentos. Ao serem

questionados sobre o que pensavam sobre isso, um deles respondeu que “os colegas deveriam apoiar ele, ou todo mundo aquece junto no campo ou todo mundo aquece junto no vestiário” (Estudante 21, menina preta), o que poderia ser visto como um gesto de solidariedade ao colega, além de um gesto de resistência, de não se deixarem ser vencidos pelos racistas.

A seguir, foi apresentada uma reportagem da ESPN, em que uma torcedora brasileira filma uma criança, no colo da mãe, proferindo gritos de *mono*, macaco em espanhol, em direção ao jogador brasileiro Vinícius Júnior, em uma partida entre Valencia e Real Madrid, fato que causou grande indignação na turma, principalmente por se tratar de uma criança. Os alunos reagiram dizendo que “a mãe desse menino tinha que tá é presa” (Estudante 23, menino branco). Um pouco mais a frente na reportagem, o jornalista Gustavo Hofman entrevista a brasileira, que se mostra tristemente emocionada com o caso de racismo e relata ter sofrido represálias dentro do estádio, que tentaram tomar seu celular, e que a providência da segurança foi tirá-la do espaço onde estava e nada foi feito com a mãe da criança, ato que gerou reclamações por parte dos alunos pela forma injusta como a situação foi tratada.

Na sequência, foi apresentado o vídeo da entrevista concedida por Vinícius Júnior, em que ele chora ao falar sobre o racismo sofrido no futebol espanhol e que tem cada vez menos vontade de jogar, o que contrasta com a imagem que ele costuma demonstrar em campo, de um jogador feliz que ao fazer um gol dança na comemoração. Ao reagir a este vídeo, alguns demonstraram tristeza pela situação, enquanto outros fizeram falas ainda violentas sobre como reagir a atos racistas como estes.

4.4. Catarse

Na Catarse foram apresentados aos alunos textos, selecionados por mim, com a temática racismo e futebol, como os casos de racismo acontecidos no futebol espanhol com os jogadores Vinícius Júnior e Nico Williams, tema que está sendo trabalhado durante esta intervenção, além dos casos ocorridos no futebol feminino, como das jogadoras brasileiras Natasha. Foi pedido para que eles escrevessem sua opinião crítica sobre estes casos para ser entregue ao professor. Neste ponto, houve um problema com a internet da escola, que não estava funcionando, o que impediu

que os alunos registrassem suas reflexões diretamente no Blog Educacional Vinícius Júnior, que é o produto pedagógico produzido por esta pesquisa.

As respostas dos alunos foram consideradas satisfatórias, apesar de alguns terem resumido seus registros em “Eles (os agressores) deveriam ser expulsos” (Estudante 28, menino preto). Alguns alunos conseguiram produzir uma reflexão mais fundamentada, pedindo punições firmes ao clube e aos torcedores.

Trazendo esta discussão para o contexto escolar, eles disseram que há casos na escola, mas não como os apresentados no vídeo, considerando o caso dos jogadores mais graves. Questionando este ponto, se por um ser jogador e o outro um aluno o racismo tinha um peso diferente, alguns responderam que não, que os dois estão errados, mas outros disseram que os casos do futebol são mais graves, pois prejudicam o desempenho do jogador em campo.

Perguntados se haviam tido conhecimento sobre os casos apresentados acima, a maioria respondeu que conhecia sobre o caso de Vinícius Júnior, principalmente por ser um jogador brasileiro de grande relevância, mas que não tinha conhecimento sobre outros casos que estavam acontecendo, e se referiram a casos acontecido com os jogadores Balotelli e Pogba, ambos jogadores pretos e de grande relevância no futebol mundial.

Eles também foram perguntados sobre a opinião com relação a existência do blog, e responderam que não acessavam a ferramenta, dando preferência a aplicativos como *Instagram* e *Tik Tok*. Foi explicado que o blog iria servir para registrar os acontecimentos relevantes socialmente no futebol, para que tenhamos conhecimento sobre o que está ocorrendo e formar uma opinião crítica sobre o fato.

4.5 Prática Social Final

Na etapa final, após todo o processo de intervenção, que passou por uma anamnese do que os alunos já sabiam através do questionário, evoluindo para fornecer embasamento teórico e histórico de modo que conhecessem do que se tratava o racismo, seguindo ao momento em que foi feita a ligação entre a teoria da definição de racismo com como ele está presente e se manifesta no futebol e, por último, a ligação com a escola até chegar à Prática Social Final.

Neste momento de encerramento, foi pedido que os alunos dessem ideias, criassem ou adaptassem regras do esporte ou de comportamento para a realidade da

escola. Eles fizeram rapidamente a correlação da expulsão no jogo e na escola. Ao serem questionados sobre como funcionaria esta punição, se ela valeria para todos os casos, a resposta foi que deveriam ser analisados caso a caso, para que se tenha um resultado justo. Uns levantaram a sugestão de que poderia haver uma punição progressiva, indo primeiro para a advertência, depois para a suspensão e, por último, a expulsão, como ocorre no protocolo de La Liga. Outros defenderam que se o caso for mais grave, como chamar o colega de macaco, o aluno deveria ser logo expulso.

Ao serem questionados sobre quem iria decidir quem iria avaliar os casos, houve divergências, com alguns sugerindo levar diretamente o caso a direção da escola, enquanto outros disseram que o professor que estivesse em sala deveria decidir. Foi questionado se eles não gostariam de fazer parte de uma comissão de avaliação, se queriam ter algum representante nesta decisão, alguns se empolgaram com a possibilidade de participar, principalmente a aluna que é a líder da turma, enquanto outros demonstraram indiferença. Foi perguntado como iriam lidar com a situação caso pudessem participar da decisão e quais critérios usariam, um deles respondeu que seria pelas vezes em que aconteceu, ou seja, pelo histórico do aluno, já que eles convivem diariamente com o colega e o conhecem melhor. Esse argumento recebeu concordância dos colegas.

Perguntados sobre como fariam para evitar que os casos acontecessem, eles se mostraram descrentes quanto ao fim dos casos pois, segundo eles, muitos levam tudo na brincadeira, dizem que não é sério, que o colega que foi vítima é amigo dele e que por isso não teria problema.

A intervenção foi encerrada com um jogo de futebol de travinhas, que é a modalidade de futebol possível para a estrutura atual da escola, e com a brincadeira de altinha, do qual meninos e meninas participaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi fruto da esperança de dias melhores para a sociedade e, para que alcancemos isso, precisamos investir os nossos esforços na educação de nossos alunos. Mas esta esperança, é aquela do verbo esperar. Como disse o grande mestre Paulo Freire, esperar é ir atrás, construir, não desistir, juntar-se com o outro para fazer de outro modo. Como professor e educador de uma escola pública municipal, assumi o papel não apenas de ensinar o conteúdo, já que é a nós

atribuído também o papel de ouvir aqueles que muitas vezes não têm voz ou são silenciados pelas dificuldades impostas por uma vida de privações financeiras, sociais, culturais, alimentícias... O professor precisa conhecer a realidade do aluno, apropriar-se dela para, a partir daí, poder intervir e contribuir para o aprendizado integral do aluno, sem deixar de reconhecer as fragilidades de um ambiente muitas vezes hostil, porém acreditando no aluno e dando ferramentas para que ele ou ela possa se sobressair.

Ao me deparar com um aluno em sala chamando o outro de macaco, não pude me omitir, tinha o dever de intervir, repreender o aluno infrator, explicar para a turma que aquele comportamento não era aceitável e acolher o aluno que havia sido vítima. Porém, com a reincidência de caso de racismo na mesma turma, dessa vez com alunos diferentes, percebi que não era algo pontual e que necessitava de uma intervenção pedagógica estruturada e formativa, de modo que os alunos compreendessem por que aquele comportamento não era aceitável, que obtivessem conhecimento da história do racismo no Brasil, passando pelo processo de escravidão e abolição da escravidão, dos conceitos de racismo estrutural e de casos concretos, para que estes alunos tivessem ferramentas suficientes para que a) não mais reproduzam falas/atos racistas; b) saibam reconhecer quando um caso de racismo está acontecendo e saibam lidar com isso de forma séria e comprometida com a justiça e a igualdade.

Ao decidir por esta temática para a dissertação, passei por momentos desafiadores durante a preparação da intervenção, em que surgiram várias dúvidas quanto à legitimidade de trabalhar esse assunto. É esse meu lugar de fala? Os alunos aceitarão ouvir de mim, um homem branco, sobre racismo? Eu tenho conhecimento suficiente para implementar esta intervenção? Estarei preparado para responder as perguntas e os questionamentos que virão em sala de aula?

A resposta que eu encontrei foi que eu precisava me preparar para a tarefa que se aproximava, estudando, lendo sobre a temática em livros indicados pelo meu orientador, como *O Negro no Futebol Brasileiro* e *Superando o Racismo na Escola*, que me levaram a conhecer as origens do futebol brasileiro, as dificuldades impostas ao negro e as possibilidades de superação pela educação, além de diversos artigos.

Ao me questionar sobre meu lugar de fala, entendi que nunca alcançaria a relevância de uma pessoa preta, que em sua vida enfrenta ou já enfrentou situações pelas quais eu nunca passei, porém, ao olhar para as condições que eu tinha, me

encontrei como professor e educador, admirador de Paulo Freire e, que através da educação, e de uma educação libertadora, poderia intervir e contribuir para a formação cultural e cidadã dos meus alunos de forma crítica. Além disso, utilizei pessoas que são referência na luta antirracista em forma de vídeo e texto.

Para possibilitar a existência da intervenção, pesquisei um método dialógico, que permitisse a mim, como professor, ouvir o aluno ou a aluna para tentar entender suas ideias e reflexões, e que também permitisse fazer questionamentos, instigar o pensamento crítico, direcionando a discussão para o fim pedagógico esperado e com a seriedade necessária para tratar de um tema tão sensível na sociedade. O método foi o de uma pesquisa qualitativa, juntamente com a Perspectiva Progressista, que tem desde a sua origem o desejo de lutar contra as desigualdades, os preconceitos e a injustiça social.

Analisando a implementação da intervenção pedagógica, a escolha por trabalhar um tema tão complexo e sensível através do futebol, esporte de massa e de ampla aceitação pelos alunos se provou uma decisão acertada. Sendo o futebol um tema tão presente do povo brasileiro, os alunos e as alunas já conheciam a maioria das personagens citadas ou usadas como exemplo, o que favoreceu a participação deles, pois já detinham um conhecimento prévio e opiniões sobre os jogadores e assim poderiam expor em sala, enriquecendo as discussões.

Por se tratar de uma metodologia dialógica, ao mesmo tempo em que é oferecido o conteúdo e as definições teóricas pelo professor, a perspectiva progressista exige que se ouça o aluno e se valorizem as suas contribuições. Através da fala de um aluno, foi possível desencadear falas e reflexões de outros colegas, inclusive do próprio professor, que ao mesmo tempo em que estava formando os alunos, estava sendo formado por eles, em uma troca de conhecimentos enriquecedora, que não seria possível de se alcançar em uma metodologia mais direta, como na educação bancária, em que o aluno é tratado como um depósito de informações a serem preenchidos pelo professor. (Freire, 1987).

Ainda durante a intervenção, houve uma diminuição das falas e atos racistas na aula e, quando havia, mesmo que disfarçada de brincadeira, momentos que antes passavam despercebidos e eram naturalizados pela turma, agora eram recebidos com olhares de reprovação e respostas de desagrado com o colega em questão, demonstrando assim que, por mais que aquele comportamento não tenha sido

erradicado, ele passou a não ser mais aceito pela turma, que passou a se posicionar de forma comportamental e verbal de modo a combater o racismo.

Apesar do sucesso na formação crítica de combate ao racismo e da diminuição da incidência, outros casos ainda aconteceram, o que demonstra a necessidade de um trabalho a longo prazo, perpassando os demais docentes em um trabalho em que toda a escola se engaje com o mesmo objetivo.

A primeira parte da intervenção, que era de através do questionário, conhecer o que os alunos sabiam sobre racismo, foi bastante esclarecedora para o prosseguimento do processo, pois neste momento foi descoberto que os alunos não tinham conhecimento sobre o que era racismo estrutural, nem como ele funcionava na sociedade ou no futebol, ligando o racismo muito mais a casos em que as pessoas são chamadas de macaco.

Promover esta formação sobre o racismo estrutural foi importante pois os alunos puderam perceber que até em casos em que eles não identificavam como tal, ou tratavam como brincadeira, havia uma forma de racismo, e que, por mais que, em uma hipótese, a pessoa vítima de racismo não se sinta ofendida, se esse mesmo caso for reproduzido a outra pessoa, isto pode ser muito danoso.

A promoção da criticidade através da problematização do futebol se mostrou importante para a tradução dos conceitos para os casos concretos em situações em que eles conseguiam se imaginar e que, por conhecer as personagens, sentiam empatia, como no caso do choro de Vinícius Júnior ao relatar a tristeza ao ser vítima de racismo constantemente no futebol espanhol, e indignação, como nos casos da criança que estava chamando Vinícius Júnior de macaco e da jogadora Natasha do Nascimento, que eles revelaram não conhecer e que nem tinham conhecimento sobre casos de racismo no futebol feminino.

Para que os alunos tenham acesso e possam conhecer a realidade do que se passa no futebol para além do campo e bola, foi produzido como um produto pedagógico um blog, em que os casos são relatados de forma pedagógica, em forma de crítica e contextualizada, também se utilizando de informações de outros portais para a produção de conteúdo, como o Observatório Racial do Esporte e o site Geledés. O blog permite que os casos não sejam esquecidos e apagados em meio a diversos eventos que possam estar acontecendo e que se sobressaiam na mídia, ele vai estar lá para que os alunos tenham acesso e possam, através dele, ter conhecimento e ferramentas para formar sua própria opinião.

A conscientização contra o racismo nas aulas teve efeito positivo na turma, que ao compreender como funciona e os danos causados às vítimas, passou a não aceitar mais de forma passiva que aquilo acontecesse e a combater quando infelizmente tais falas foram reproduzidas, o que representa um ambiente de aula mais saudável e justo para alunos e professores.

Ao realizar esta intervenção, tive de absorver muitas informações difíceis de ser ingeridas por uma pessoa que não é vítima direta do racismo. Ler e ouvir relatos e comentários sobre como os alunos e alunas foram atacados foi algo que me fez ter mais empatia por eles, entrar em sala com olhares e gestos mais acolhedores, buscando fazer da aula um momento o mais leve possível, mas sem jamais abrir mão de corrigir de forma firme e justa quando necessário. A enorme quantidade de “soluções” violentas para os casos de racismo, no início da intervenção, me fez perceber, por chegarem a esta conclusão e, conhecendo um pouco melhor a realidade deles, que vivem em situações muito precárias, estando expostos à criminalidade diariamente, com crimes bárbaros e cruéis naturalizados, como se fossem a única opção. Alguns alunos ainda citaram como forma de punição a prisão, porém nenhum citou a educação. Ainda assim, a pequena evolução demonstrada ao não naturalizar mais o racismo já demonstra um grande salto comparado à situação em que estavam antes.

Após o fim da intervenção, saio ainda com mais fé e esperança nos alunos, com a certeza de que a violência não é único caminho e que se houver um investimento pedagógico é possível mudar de mentalidade. Eu mesmo saio transformado desta experiência, considero que aprendi muito mais do que ensinei e saio respeitando a história de vida de cada um, desejoso e buscando não ser aquele professor que chega, ministra sua aula e vai embora. Afinal, acredito que hoje sou um professor e uma pessoa bem melhor do que aquela que iniciou a intervenção.

REFERÊNCIAS

- ACERVO O GLOBO. **PARTIDA DA MORTE**. [s.d.] O Globo. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/partida-da-morte-22643215> Acesso em: 21 mai. 2024.
- ALBUQUERQUE, V. In: REDAÇÃO JOGADA 10. **Jogadoras do Corinthians fazem protesto no jogo com o Santos. Entenda**. Terra. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/jogadoras-do-corinthians-fazem-protesto-no-jogo-com-o-santos-entenda,48de4f082293f8377f51dd62e5649385kng75q1c.html> Acesso em: 24 abr. 2024.
- ALMEIDA, S. L. In: VALENTE, R.; GOMES, M. **Discípulos de Barbosa falam de estigma sobre goleiro negro, racismo e também exaltam o velho camisa 1: 'Abriu portas'**. ESPN. 2021. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/8365688/discipulos-de-barbosa-falam-de-e-stigma-sobre-goleiro-negro-racismo-e-tambem-exaltam-o-velho-camisa-1-abriu-portas Acesso em: 25 abr. 2024.
- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural** - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)
- ALRABABA'H, A.; MARBLE, W.; MOUSA, S.; SIEGEL, A. A. **Can Exposure to Celebrities Reduce Prejudice? The Effect of Mohamed Salah on Islamophobic Behaviors and Attitudes**. American Political Science Review. 2021;115(4):1111-1128. doi:10.1017/S0003055421000423 Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/american-political-science-review/article/can-exposure-to-celebrities-reduce-prejudice-the-effect-of-mohamed-salah-on-islamophobic-behaviors-and-attitudes/A1DA34F9F5BCE905850AC8FBAC78BE58#article>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- AMÉRICO, S. **Ada Hegerberg, estrela da Noruega e primeira Bola de Ouro, recusou-se a jogar pela seleção, por 5 anos**. Ninja Esporte Clube. 2023. Disponível em: <https://midianinja.org/news/ada-hegerberg-estrela-da-noruega-e-primeira-bola-de-ouro-recusou-se-a-jogar-pela-selecao-por-5-anos/> Acesso em: 24 abr. 2024.
- AZEVEDO, D. S. **RACISMO ANTINEGRO E A ATUAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO**. 2023. Disponível em: <https://ceafpesquisa.mpba.mp.br/textos/racismo-antinegro-e-a-atuacao-do-ministerio-publico/> Acesso em: 27 mar. 2024.
- BARBOSA, M. In: CORNELSEN, E. L. **A memória do trauma de 1950 no testemunho do goleiro Barbosa**. XI Encontro Nacional de História Oral. 2012. Disponível em: https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/023108_Cornelsen%20-%20A%20memoria%20do%20trauma%20de%201950%20no%20testemunho%20do%20goleiro%20Barbosa.pdf Acesso em: 25 abr. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. ed., rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARREIRA, J. In: Braun, J. **Futebol feminino**: os pretextos usados para proibir prática no Brasil e no exterior. BBC Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4gjkxlrldko> Acesso em: 21 abr. 2024.

BARROS, L. **Baú da Política**: o futebol feminino já foi proibido no Brasil e a política tem tudo a ver com isso. Diário do Nordeste. 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pontopoder/bau-da-politica-o-futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-a-politica-tem-tudo-a-ver-com-isso-1.3395550>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BECKETT, A. **Thatcher, Murdoch, Hillsborough and beyond**: What the 1980s did to Britain. The Guardian. 2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2012/oct/27/1980s-britain-thatcherism-final-reckoning> Acesso em: 14 abr. 2024.

BONFIM, A. In: BRAUN, J. **Futebol feminino**: os pretextos usados para proibir prática no Brasil e no exterior. BBC Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4gjkxlrldko> Acesso em: 21 abr. 2024.

BRACHT, V. **A educação física escolar e a cultura corporal**. 1999.

BRAGA, T. **Na Segunda Guerra, futebol ajudou Kiev a ter orgulho diante dos nazistas**. UOL. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/03/06/na-segunda-guerra-futebol-ajudou-kiev-a-ter-orgulho-diante-dos-nazistas.htm> Acesso em: 27 abr. 2024.

BRANDÃO, C. R; BORGES, M. C. **A pesquisa participante**: um momento da educação popular. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008. DOI: 10.14393/REP-2007-19988. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 5 mai. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2017.

BRASIL. **Código Brasileiro de Justiça Desportiva**/ IBDD Instituto Brasileiro de Direito Desportivo. — São Paulo : IOB, 2010. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/composicao/orgaos-colegiados/cne/arquivos/codigo_brasileiro_justica_desportiva.pdf Acesso em: 7 abr. 2024.

BRASIL. **DECRETO-LEI N° 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 25 jan 2024.

BRASIL. **LEI N° 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União. 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm Acesso em: 27 jan. 2024.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 27 jan. 2024.

BRASIL. **LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997.** Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Diário Oficial da União. 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm Acesso em: 27 jan. 2024.

BRASIL. **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 27 jan. 2024.

BRAUN, J. **Futebol feminino: os pretextos usados para proibir prática no Brasil e no exterior.** BBC Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4gjkxlrldko> Acesso em: 21 abr. 2024.

BUENO, E. In: LANCE!. **Historiador do futebol relembra ‘Jogo da Morte’, realizado na Ucrânia: ‘Cinco jogadores morreram’.** Lance!. 2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/historiador-do-futebol-relembra-jogo-da-morte-realizado-na-ucrania-cinco-jogadores-morreram.html> Acesso em: 27 abr. 2024.

CAFU. In: AGÊNCIA DE NOTÍCIAS FRANCESAS. **Seleção brasileira leva prêmio Fifa Fair Play por luta contra racismo; Ederson é eleito melhor goleiro.** Carta Capital. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/esporte/selecao-brasileira-leva-premio-fifa-fair-play-por-luta-contra-racismo-ederson-e-eleito-melhor-goleiro/> Acesso em: 24 abr. 2024.

CANAL PRETO. **Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL! - Canal Preto.** YouTube. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq-E> Acesso em: 11 fev. 2024.

CARA, T. **Morta nesta segunda, Margaret Thatcher usou tragédia para moldar futebol inglês à sua imagem.** ESPN.com.br. 2013. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/321558_morta-nesta-segunda-margaret-thatcher-usou-tragedia-para-moldar-futebol-ingles-a-sua-imagem Acesso em: 15 abr. 2024.

CANTUÁRIO, V. A. P.; ALVES, M. F. S. **Do Racismo na escola a uma escola contra o racismo: Reflexões a respeito do cenário brasileiro.** Revista Educação e Emancipação, [S. l.], v. 14, n. 2, p. p.506–534, 2021. DOI: 10.18764/2358-4319.v14n2p506-534. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/17241> . Acesso em: 13 jul. 2023.

CAMPOS, C. J. G. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.** Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v.

57, n.5, p. 611-614, set./out. 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2023.

CARVALHO, M. In: BERNARDES, A; SIMÕES, N; SOUZA, N. **Racismo no futebol feminino é 'ainda mais perverso' e falta punição**. Terra. 2023. Disponível em:
https://www.terra.com.br/nos/racismo-no-futebol-feminino-e-ainda-mais-perverso-e-falta-punicao,c0815a353daf7e366b97f29cc51b449494h374ar.html?utm_source=clipboard Acesso em: 8 abr. 2024.

CASTRIANINI, M. **Seja na África, Ásia ou Europa: casos de racismo explodem no futebol e a sensação é que tudo vai piorar**. Trivela. 2024. Disponível em:
<https://trivela.com.br/mundo/caos-racismo-futebol-sensacao-piorar/> Acesso em: 01 jan. 2024.

CERVI, T. A. N. **Intolerância e racismo no futebol: a racialização do outro**. ComCiência, Campinas, n. 159, jun. 2014. Disponível em:
http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-7654201400050010&lng=pt&nrm=iso Acesso em 30 jan. 2024.

CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA. **1924 - A Resposta Histórica**. Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/1924-a-resposta-historica/> Acesso em: 2 mai. 2024.

CORNELSEN, E. L. **A memória do trauma de 1950 no testemunho do goleiro Barbosa**. XI Encontro Nacional de História Oral. 2012. Disponível em:
https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/023108_Cornelsen%20-%20A%20memoria%20do%20trauma%20de%201950%20no%20testemunho%20do%20goleiro%20Barbosa.pdf Acesso em: 25 abr. 2024.

DIDA. In: TOLEDO, D. **Dida pede tributo a Barbosa ao receber prêmio na Suíça**. BBC Brasil. 2006. Disponível em:
https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/05/060527_copadidapremiorc Acesso em: 25 abr. 2024.

ESPN. **Série e documentário da ESPN mostram como o desastre de Hillsborough transformou o futebol inglês**.
https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6834845/serie-documentario-espn-mostra-m-como-desastre-hillsborough-transformou-futebol-ingles Acesso em: 14 abr. 2024.

ESPN. **Vinicius Jr. se posiciona após novos casos de racismo na Espanha: 'Só teremos uma vitória quando forem presos'**. ESPN. 2024. Disponível em:
https://www.espn.com.br/futebol/laliga/artigo/_/id/13446349/vinicius-jr-se-posiciona-nos-casos-racismo-espanha-so-teremos-vitoria-quando-forem-presos Acesso em: 18 abr. 2024.

DESIGUAL LAB. **Média da idade das pessoas que morreram, por bairro**. Iplanfor. 2024. Disponível em: <https://desiguallab.ipplanfor.fortaleza.ce.gov.br/> Acesso em: 28 abr. 2024.

DIAS, P. A. **Quantos gols Marta fez pela seleção brasileira feminina?**. Goal. 2024. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quantos-gols-marta-fez-pela-selecao-brasileira-feminina/eak12eh1xgzn1w9zx4s4rt4py> Acesso em: 24 abr. 2024.

DONKE, A. **De 20 meses sem jogar à redenção**: o caminho de Ada Hegerberg até a Eurocopa. ESPN. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/andredonke/818947_de-20-meses-sem-jogar-a-redencao-o-caminho-de-ada-hegerberg-ate-a-eurocopa Acesso em: 24 abr. 2024.

FARIA, A; TEIXEIRA, R; COSTA, P. H. **Onze Minutos**: Lei que equipara injúria racial ao racismo também vale para ofensas proferidas em estádios de futebol. Rádio Senado. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/conexao-senado/2023/02/13/onze-minutos-lei-qu-e-equipara-injuria-racial-ao-racismo-tambem-vale-para-ofensas-proferidas-em-estadio-s-de-futebol> Acesso em: 23 abr. 2024.

FIGUEIREDO, M. F.; CRUZ, M. M. S. **Futebol e racismo**: Algumas reflexões no âmbito da educação física escolar. Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 2, n. 5, p. 1-18, jul./set. 2021. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed> Acesso em: 26 abr. 2023.

FOER, F. **Como o Futebol Explica o Mundo**. Um olhar inesperado sobre a globalização. Zahar, 2005.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol**. 1997. São Paulo: Cortez.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17° ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALEANO, E. **Futebol ao Sol e à Sombra**. L&PM POCKET, 2004.

GARY & THE PACEMAKERS, O. **You'll Never Walk Alone**. In: **How do you like it?** 1963. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mWHDErullhA> Acesso em: 10 mai. 2024.

GEDRA, N. **Hillsborough, 30 anos**: a tragédia que mudou o futebol inglês. ESPN. 2020. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6834845/serie-documentario-espn-mostra-m-como-desastre-hillsborough-transformou-futebol-ingles Acesso em: 15 abr. 2024.

GOELLNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005. DOI: 10.1590/S1807-55092005000200005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 3 mai. 2024.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar**: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (org). **DESAFIOS**

DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Entre o “não mais” e o “ainda não”:** pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. Caderno de Formação RBCE, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/929/539> Acesso em: 1 fev. 2024.

GORZIZA, A.; VIEIRA, M. J.; BUONO, R. **BRASIL, UMA FÁBRICA DE EXPORTAR JOGADORES.** Revista Piauí. 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/brasil-uma-fabrica-de-exportar-jogadores-futebol-fifa/#:~:text=Nenhum%20pa%C3%ADs%20vende%20tantos,838%20jogadores%20vendidos%20para%20fora>. Acesso em: 18 abr. 2024.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E.; SANTOS, A. R. **SOBRE ESCRAVOS E ESCRAVIZADOS:** PERCURSOS DISCURSIVOS DA CONQUISTA DA LIBERDADE. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE. 2012. Disponível em: https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf Acesso em: 5 abr. 2024.

HEGERBERG, A. In: MOÑINO, L. **Atual ‘Bola de Ouro’ se recusa a disputar Copa do Mundo feminina em protesto por disparidade financeira.** El País. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/05/deportes/1557076659_525520.html Acesso em: 24 abr. 2024.

HEGERBERG, A. In: AMÉRICO, S. **Ada Hegerberg, estrela da Noruega e primeira Bola de Ouro, recusou-se a jogar pela seleção, por 5 anos.** Ninja Esporte Clube. 2023. Disponível em: <https://midianinja.org/news/ada-hegerberg-estrela-da-noruega-e-primeira-bola-de-ouro-recusou-se-a-jogar-pela-selecao-por-5-anos/> Acesso em: 24 abr. 2024.

HEGERBERG, A. In: DONKE, A. **De 20 meses sem jogar à redenção:** o caminho de Ada Hegerberg até a Eurocopa. ESPN. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/andredonke/818947_de-20-meses-sem-jogar-a-redencao-o-caminho-de-ada-hegerberg-ate-a-eurocopa Acesso em: 24 abr. 2024.

HOFMAN, G. **Torcedora registra atos racistas contra Vinicius Jr. em Valência e revela choro à ESPN:** 'Me senti ameaçada e com medo'. ESPN. 2024. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/_/id/13318581/torcedora-registra-atos-racistas-contra-vinicius-jr-em-valencia-e-revela-choro-a-espn-me-senti-ameacada-e-com-medo Acesso em: 03 mar. 2024.

IMORTAIS DO FUTEBOL. **Craque Imortal:** Friedenreich. Imortais do Futebol. 2017. Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/craque-imortal-friedenreich/> Acesso em: 16 abr. 2024.

INSTITUTO SWG apud REDAÇÃO DO GE. **Imitar macaco é forma normal de torcer para 16% dos italianos, diz pesquisa.** Globo Esporte. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/02/08/imitar-macaco-e-forma-normal-de-torcer-para-16percent-dos-italianos.ghtml> Acesso em: 18 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Índice de Desenvolvimento Humano.** 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/pesquisa/37/30255?ano=2010> Acesso em: 28 abr. 2024.

ITÁLIA apud CALVANO, G. **A escalada da violência se tornou o câncer do futebol italiano, que precisa urgentemente de uma resposta enérgica contra a baderna.** Trivela. 2024. Disponível em: <https://trivela.com.br/italia/escalada-violencia-cancer-futebol-italiano/> Acesso em: 17 abr. 2024.

IZA, D. F. V.; BENITES, L. C.; SANCHES NETO, L.; CYRINO, M.; ANANIAS, E. V.; ARNOSTI, R. P.; SOUZA NETO, S. **Identidade Docente: as várias faces da constituição do ser professor.** Revista Eletrônica de Educação, v.8, n. 2, p. 273-292, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.14244/19827199978> Acesso em: 1 fev. 2024.

JOELS, M. **Jejum de água e comida: saiba como o Ramadã afeta clubes e jogadores de futebol.** Estadão. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/como-o-ramada-afeta-clubes-e-jogadores-de-futebol-npres/#:~:text=A%20Premier%20League%20e%20a,durante%20uma%20parada%20do%20jogo>. Acesso em: 25 abr, 2024.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 1994. Ijuí: Ed. Unijuí.

LEÃO, R. In: BERNARDES, A.; SIMÕES, N.; SOUZA, N.. **Racismo no futebol feminino é 'ainda mais perverso' e falta punição.** Terra. 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/racismo-no-futebol-feminino-e-ainda-mais-perverso-e-falta-punicao,c0815a353daf7e366b97f29cc51b449494h374ar.html?utm_source=clipboard Acesso em: 8 abr. 2024.

LOBO, F. **Margaret Thatcher não salvou o futebol britânico, ela o atacou.** Trivela. 2013. Disponível em: <https://trivela.com.br/inglaterra/margaret-thatcher-nao-salvou-o-futebol-britanico-ela-o-atacou/> Acesso em: 14 abr. 2024.

LUSA. **UEFA pune o Slovan Bratislava por cânticos racistas dos adeptos.** Correio da Manhã. 2022. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/desporto/futebol/detalhe/uefa-pune-o-slovan-bratislava-por-canticos-racistas-dos-adeptos> Acesso em: 02 fev. 2024.

LUSA. **UEFA distingue adeptos do Dortmund pelo “trabalho incansável” no combate ao racismo.** RTP Desporto. 2022. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/outras-modalidades/uefa-distingue-adeptos-do-dortmund-pelo-trabalho-incansavel-no-combate-ao-racismo_d1169220 Acesso em: 02 fev. 2024.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARRA, M. **Os torcedores do Liverpool estão envergonhados**. ESPN. 2021.

Disponível em:

https://www.espn.com.br/blogs/mariomarra/776659_os-torcedores-do-liverpool-estao-envergonhados Acesso em: 25 abr. 2024.

MARTA. In: AFP. **Marta se emociona ao recordar seu legado no futebol**. Folha de Pernambuco. 2023. Disponível em:

<https://www.folhape.com.br/esportes/marta-se-emociona-ao-recordar-seu-legado-no-futebol/283488/> Acesso em: 24 abr. 2024.

MARTA. In: BÚSSOLA. **Marta e Centauro formam parceria a favor da equidade de gênero no esporte**. Exame. 2023. Disponível em:

<https://exame.com/bussola/marta-e-centauro-formam-parceria-a-favor-da-equidade-de-genero-no-esporte/> Acesso em: 24 abr. 2024.

MARTA. In: PUREPEOPLE. **Marta chora ao fazer discurso na ONU: 'Doeu quando não me deixaram jogar'**. Purepeople. 2019. Disponível em:

https://www.purepeople.com.br/noticia/marta-silva-cita-machismo-no-futebol-em-premiacao-preconceito-doeu-ao-longo-do-caminho_a261344/1 Acesso em: 24 abr. 2024.

MARTINS, H. **Para movimento negro, campanha "#somostodosmacacos" reproduz racismo**. Agência Brasil. 2014. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-04/para-movimento-negro-campanha-somostodosmacacos-reproduz-racismo> Acesso em: 11 mai. 2024.

MARTINS, M. Z.; REIS, H. H. B. **Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 429-440, jul./set. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/4cdjh8cqWzmSgzFQdb5BY3P/#> Acesso em: 05 jan. 2024.

MARTINS, P. **Ceará é o 1º lugar no IDH-M do Nordeste e o 12º do Brasil**. Governo do estado do Ceará. 2023. Disponível em:

<https://www.ceara.gov.br/2023/07/26/ceara-e-o-1o-lugar-no-idh-m-do-nordeste-e-o-12o-do-brasil/> Acesso em: 27 abr. 2024.

MOÑINO, L. **Atual 'Bola de Ouro' se recusa a disputar Copa do Mundo feminina em protesto por disparidade financeira**. El País. 2019. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/05/deportes/1557076659_525520.html Acesso em: 24 abr. 2024.

MUNANGA, K. **Apresentação**. In: MUNANGA, K. (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 15-20.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento. 2019.

NASCIMENTO, I. S. In: ABE, S. K. **O racismo estrutural na escola e a importância de uma educação antirracista**. 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/o-racismo-estrutural-na-escola-e-a-importancia-de-uma-educacao-antirracista> Acesso em: 19 mar. 2024.

NASCIMENTO, N. In: ALVES, C.; RODRIGUES, R. **Jogadora relata racismo em jogo contra Sport, e árbitra registra na súmula: "Me chamaram de macaca"**. Globo Esporte. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/futebol-feminino/noticia/2022/07/04/jogadora-relata-racismo-em-jogo-contra-sport-e-arbitra-registra-na-sumula-me-chamaram-de-macaca.ghtml> Acesso em: 07 abr. 2024.

NOBREGA, C. C. S. Por uma educação física antirracista. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 34, p. 51-61, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145/163522> Acesso em: 30 abr. 2024.

NOVAES, M. B. C.; GIL, A. C. **A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas**. 2009. RAM. Revista De Administração Mackenzie, 10(1), 134–160. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712009000100007> Acesso em: 19 abr. 2024.

NUNES, P. S. **Racismo**: 85% dos casos em competições da Conmebol no ano foram contra brasileiros. Trivela. 2023. Disponível em: <https://trivela.com.br/america-do-sul/racismo-conmebol-libertadores-sul-americana/> Acesso em: 01 fev. 2024.

OLIVEIRA JÚNIOR, V. J. P. Twitter. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/vinijr/status/1660379570149683200> Acesso em: 18 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Secretário-geral da ONU nomeia jogadora Marta como defensora dos objetivos globais**. 2019. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2019/05/secretario-geral-da-onu-nomeia-jogadora-marta-como-defensora-dos-objetivos-globais.html> Acesso em: 24 abr. 2024.

PAXTON, R. **Anatomia do Fascismo**. 2007. In: MAGENTA, M. O que significa ser fascista?. BBC News Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62520995> Acesso em: 27 abr. 2024.

PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P.; CARMO, K. T.; SILVA, E. V. M. **Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física**: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. Revista Brasileira de Ciências do Esporte 41, 412-418, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/HXRhDQFhTV4MTFphJySk8Ps/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 17 out. 2023.

PONTES, C. D. A. In: SONSOL, J. **Data Magna do Ceará chega aos 139 anos neste sábado (25/03)**. Portal do Servidor da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. 2023. Disponível em: <https://portaldoservidor.al.ce.gov.br/noticias/data-magna-do-ceara-chega-aos-139-ano-s-neste-sabado-2503> Acesso em: 05 jan. 2024.

QUINTINO, R. **Futebol feminino é marcado pela luta contra o preconceito e também contra o racismo**. Brasil de Fato. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/20/futebol-feminino-e-marcado-pela-luta-contr-a-o-preconceito-e-tambem-contr-a-o-racismo> Acesso em: 05 abr. 2024.

RAMOS, M. L. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**: possibilidades de ensino dos esportes a partir da perspectiva progressista. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/2dbcf099-83fb-41e9-b905-17e4e291f914> Acesso em: 25 jan. 2024.

RAMOS, M. L.; MAFFEI, W. S. **ENSINO DOS ESPORTES A PARTIR DA PERSPECTIVA PROGRESSISTA: UMA PROPOSTA DE UNIDADE DIDÁTICA**. 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/docs/Produtos%20ProEF%20-%20Turma%201/2%20-%20UNESP%20Bauru/Luiz%20Matheus%20Ramos.pdf> Acesso em: 25 jan. 2024.

REAL MADRID. **Nota**. In: ESPN. **Real Madrid cobra Federação Espanhola e detona dirigente, árbitros e VAR: 'Nunca se pode responsabilizar a vítima'**. 2023. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/_/id/12089874/real-madrid-cobra-ferederacao-espanhola-e-detona-dirigente-arbitros-e-var-nunca-se-pode-responsabilizar-a-vitima Acesso em: 02 fev. 2024.

REBELLO, H.; IZIDRO, M. **Tragédia de Hillsborough faz 30 anos**: relembre os erros, as mudanças e a busca por justiça. Globo Esporte. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/tragedia-de-hill-sborough-faz-30-anos-relembre-os-erros-as-mudancas-e-a-busca-por-justica.ghtml> Acesso em: 15 abr. 2024.

REDAÇÃO DO GE. **Após ataques racistas a Maignan, Udinese é punida na Itália**. Globo.com. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-italiano/noticia/2024/01/23/ap-os-ataques-racistas-a-maignan-udinese-e-punida-na-italia.ghtml> Acesso em: 18 abr. 2024.

REDAÇÃO DO GE. **Jogador abandona seleção francesa sub-19 por proibição religiosa; entenda**. Globo.com. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/03/21/jogador-abandon-a-selecao-francesa-sub-19-por-proibicao-religiosa-entenda.ghtml> Acesso em: 25 abr. 2024.

REDAÇÃO DO GE. **Racismo contra Vinicius Junior**: veja tudo sobre o caso. Globo.com. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/>

24/racismo-contra-vinicius-junior-veja-tudo-sobre-o-caso.ghtml Acesso em: 18 abr. 2024.

REDAÇÃO DO GE. **Paulinho, do Atlético-MG, é alvo de intolerância religiosa após estreia pela seleção brasileira.** Globo.com. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2023/11/17/atletico-mg-apos-estrela-pela-selecao-brasileira-paulinho-e-alvo-intolerancia-religiosa.ghtml> Acesso em: 26 jan. 2024.

REDAÇÃO DO GE. **Uefa não se pronunciou sobre racismo contra Vinícius Júnior por considerar assunto interno espanhol.** Globo.com. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/05/24/uefa-nao-se-pronunciou-sobre-racismo-contra-vinicius-junior-pois-considerava-assunto-interno-da-espanha.ghtml> Acesso em: 02 fev. 2024.

REDAÇÃO JOGADA 10. **Jogadoras do Corinthians fazem protesto no jogo com o Santos. Entenda.** Terra. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/jogadoras-do-corinthians-fazem-protesto-no-jogo-com-o-santos-entenda,48de4f082293f8377f51dd62e5649385kng75q1c.html> Acesso em: 24 abr. 2024.

REDAÇÃO JOGADA 10. **Acusado de assédio, Kleiton Lima pede demissão do time feminino do Santos** Terra. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/acusado-de-assedio-kleiton-lima-pede-demissao-do-time-feminino-do-santos,9e1ebbaebde4b7744b6f210096e56c76k4oqbvuc.html> Acesso em: 24 abr. 2024.

REIS, R. **Por que Lazio, vice na Itália, é considerada o time mais fascista do mundo?** UOL. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rafael-reis/2020/06/24/por-que-lazio-vice-na-italia-e-considerado-o-time-mais-fascista-do-mundo.htm> Acesso em: 27 abr. 2024.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad. 5ª edição, 2010.

SANTANA, T. J. S. **O racismo no futebol e a educação física escolar: reflexões a partir do caso Vinícius Júnior.** Ludopédio. 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-racismo-no-futebol-e-a-educacao-fisica-escolar-reflexoes-a-partir-do-caso-vinicius-junior/> Acesso em: 30 abr. 2024.

SANTOS, C. A. I.; DIAS, B. B.; SANTOS, L. C. I. **II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe.** 1. ed. – Rio de Janeiro; CEAP, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384250> Acesso em: 23 jan. 2024.

SILVA, A. C. **A desconstrução da discriminação do livro didático.** In: MUNANGA, K. (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37.

SILVA, E. V. M.. **Ensino da história e cultura afro-brasileira por meio do atletismo: contribuições de um curso de extensão à distância para professores de educação física** - Rio Claro, 2016.

SILVA, E. C.; MOREIRA, E. C.; OLIVEIRA, A. A. B.. **Objetivos e conteúdos para o ensino da Educação Física escolar**. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (org). **DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

SILVA, G. C.. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-10092015-161946 Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/publico/2015_GiovanaCapucimESilva_VCorr.pdf Acesso em: 25 jan. 2024.

SILVA JÚNIOR, P. R.; MARTINS, S. **“RACISMO LINGUÍSTICO: OS SUBTERRÂNEOS DA LINGUAGEM E DO RACISMO” DE GABRIEL NASCIMENTO**. *Psicologia & Sociedade*, 34, e239102. 2022. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34239102> Acesso em: 01 fev. 2024.

SKANK. **É uma partida de futebol**. In: **O Samba Poconé**. São Paulo: Mosh, 1996. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/skank/72339/> Acesso em: 30 abr. 2024.

SOUZA, T. **Machismo e sexismo: entenda a luta da seleção feminina de futebol dos EUA**. *Correio Braziliense*. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2022/02/4987577-machismo-e-sexismo-entenda-a-luta-da-selecao-feminina-de-futebol-dos-eua.html> Acesso em: 24 abr. 2024.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. **Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar**. *Motriz*, Rio Claro, v.16, n.4 p.920-930, out./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/XLdQQcKvVXrskCtzLMQTZrr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 jul. 2023.

SPORTBUZZ. **Jogador é cortado da França após se recusar a quebrar o jejum no Ramadã**. SportBuzz. 2024. Disponível em: <https://sportbuzz.uol.com.br/noticias/futebol/jogador-e-cortado-da-franca-apos-se-recusar-quebrar-o-jejum-no-ramada.phtml> Acesso em: 21 mai. 2024.

TEDX TALKS. **O Racismo Estrutural na Cultura do Futebol | Márcio Chagas | TEDxUnisinos**. YouTube. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2n_E3uHBA3U Acesso em: 10 mar. 2024.

TELL MAMA. **A decade of anti-muslim hate**. Tell MAMA Report, London, United Kingdom, 2023. Disponível em: <https://tellmamauk.org/a-decade-of-anti-muslim-hate/> Acesso em: 22 jan. 2024.

TONINI, M. In: JANONE, L.; BARRETO, E. **Futebol sul-americano tem recorde de casos de racismo em 2022, aponta observatório**. CNN. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol-sul-americano-tem-recorde-de-casos-d-e-racismo-em-2022-aponta-observatorio/> Acesso em: 23 abr. 2024.

TOSI, M. **Fortaleza agora tem 12 Regionais; você sabe qual é a sua?**. O Povo. 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/01/05/fortaleza-passa-a-ter-12-regionais--voce-sabe-qual-e-a-sua.html> Acesso em: 03 jun. 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIÃO DAS FEDERAÇÕES EUROPEIAS DE FUTEBOL. **UEFA diz "Não ao Racismo"**. 2013. Disponível em: <https://pt.uefa.com/uefachampionsleague/news/020e-0e86b8915af6-c6944c61efa5-1000--uefa-diz-nao-ao-racismo/> Acesso em: 02 fev. 2024.

UOL ESPORTE. **VINI JR CHORA NA COLETIVA AO FALAR SOBRE RACISMO: 'CADA VEZ TENHO MENOS VONTADE DE JOGAR'**. UOL Esporte. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CtAJIEtqsY0> Acesso em: 10 abr. 2024.

VELLOSO, L. R. S.; MALDONADO, D. T.; MIRANDA, M. L. J.; FREIRE, E. S. **Pesquisa participante na Educação Física Escolar**. Movimento, [S.L.], p. 1-20, 8 nov. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.120865>. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.120865>. Acesso em: 5 mai. 2023.

VIANA, T. **Moradores de bairros mais pobres de Fortaleza vivem até 20 anos menos que de mais ricos; veja mapa**. Diário do Nordeste. 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/moradores-de-bairros-mais-pobres-de-fortaleza-vivem-ate-20-anos-menos-que-de-mais-ricos-veja-mapa-1.3494261> Acesso em: 28 abr. 2024.

VIEIRA, E. S. M.; BELO, P. A. P.; FREIRE, V. C. C.. **A possibilidade de utilização do blog como ferramenta educacional**. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–17, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v2i2.3747. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3747>. Acesso em: 13 jan. 2024.

VILELA, T. **Futebol e Segunda Guerra Mundial - Dínamo de Kiev e a resistência ao nazismo**. UOL. 2022. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/futebol-e-segunda-guerra-mundial-dinamo-de-kiev-e-a-resistencia-ao-nazismo.htm> Acesso em: 27 abr. 2024.

WISNIEWSKI, L. **'Episódio isolado 19'**: Vini Jr é vítima de racismo (de novo), mas segue como símbolo de resistência. Trivela. 2023. Disponível em:

<https://trivela.com.br/espanha/la-liga/vinicius-junior-racismo-episodio-isolado-19/>
Acesso em: 01 jan. 2024

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

1. O que você entende como racismo e como ele acontece?
2. Você já sofreu algum ato de racismo ou presenciou? Se sim, como foi?
3. Algum (ns) desse (s) caso (s) aconteceu na escola? Como?
4. Você consegue fazer uma relação entre o racismo e alguma personalidade do esporte? Se sim, quais?
5. Reagir em casos de racismo, produz algum efeito positivo?
6. Como você reagiria a um caso de racismo?

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Eu, Ytalo Silva Lemos, estudante do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF, no polo Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, sob a orientação da Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva da Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, gostaria de convidar o(a) menor sob sua responsabilidade para participar de uma pesquisa referente a minha dissertação de mestrado, intitulada “O FUTEBOL COMO POSSIBILIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ANTIRRACISTA”.

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, tem por objetivo executar e analisar, junto aos estudantes do 8º ano, uma intervenção pedagógica que problematiza acontecimentos racistas no ambiente do futebol como instrumento para desenvolver a criticidade e combater o racismo nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental – Anos Finais. A pesquisa terá duração de cinco aulas de 55 minutos cada, e será desenvolvida na escola onde seu (sua) filho(a) estuda, durante o período regular das aulas de Educação Física pelo próprio professor-pesquisador. O material didático proposto contará com a sua participação e colaboração através da participação efetiva nas aulas e dos registros que serão realizados por meio da aplicação de questionários que serão respondidos pelos estudantes e, por conseguinte, analisados pelo professor-pesquisador e entrevista semi-estruturada. Este estudo é importante porque trata de uma temática importante para a sociedade e seus resultados fornecerão informações que poderão contribuir para o fomento da criticidade dos alunos nas aulas de Educação Física, incentivando assim o combate ao racismo na escola e na sociedade.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os riscos da pesquisa estão relacionados à confidencialidade, ocupação do tempo dos estudantes ao responder ao questionário e diários de bordo e ao possível constrangimento infligido ao aluno. Para que isto não ocorra, será destinado um horário reservado para este fim, sendo facultativo responder ou não as questões, sem qualquer tipo de penalização, além de ser assegurado que os alunos que aceitarem responder a pesquisa, mas não quiserem expor sua opinião aos demais colegas, podem responder por escrito para entregar ao professor de forma discreta e confidencial ou se negar a responder perguntar que causem desconforto ou constrangimento. Os resultados obtidos pela pesquisa poderão ser publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que os dados pessoais dos estudantes serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Caso seja da vontade de seu(sua) filho(a) esclarecerei possíveis dúvidas sobre a participação e uso de suas respostas/opiniões/considerações para fins de pesquisa, remarcarei a coleta, aceitarei a solicitação de interrupção da gravação de áudio ou imagem, caso assim desejar o(a) estudante. A qualquer momento, antes, durante ou após a participação de seu(sua) filho(a), coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir em relação à pesquisa.

A participação de seu (sua) filho (a) é voluntária e sua recusa em participar não lhe provocará nenhum dano ou punição. Seu (sua) filho (a) poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem

penalização alguma. A observação do estudante tem fins didáticos, portanto, se ele(a) não aceitar disponibilizar o material para fins de pesquisa, os registros serão desconsiderados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhuma das estratégias que serão utilizadas oferecem riscos à dignidade do(a) menor sob sua responsabilidade.

Serão garantidos o sigilo e a privacidade de seu(sua) filho(a). Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa. Para participar não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração. Ressalta-se que, os resultados obtidos na pesquisa poderão ser publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que os dados pessoais do(a) menor sob sua responsabilidade serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Após as explicações e leitura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se persistir alguma dúvida ou julgar necessário informações adicionais sobre o projeto de pesquisa e a participação do(a) menor sob sua responsabilidade poderá comunicar-se, a qualquer momento, com o professor-pesquisador através do telefone/ WhatsApp: (85) 986623140, e/ou pelo e-mail: ytalo.somel@gmail.com.

Se o(a) senhor(a) se sentir esclarecido(a) sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará em sua posse e a outra com a professor-pesquisador.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do(a) menor sob minha responsabilidade na pesquisa e concordo com a participação.

Fortaleza, ____ de _____ de 2024.

Assinatura do responsável

Ytalo Silva Lemos
Professor-pesquisador

Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva
Orientador

Dados sobre o participante (estudante) da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade (RG): _____ Sexo: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Contato: _____

Responsável: _____ Contato: _____

Endereço: _____

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Ytalo Silva Lemos
Instituição: Universidade Federal do Ceará– IEFES/UFC
Endereço: Rua Estado do Rio, 55 – Bela Vista, CEP 60440-782 – Fortaleza – CE
Contatos: (85) 986623140.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).
O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

ANEXO B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TALE) (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Ytalo Silva Lemos, estudante do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF, do polo Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva da Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, gostaria de convidá-lo(a) para participar de uma pesquisa referente a minha dissertação de mestrado, intitulada “O FUTEBOL COMO POSSIBILIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ANTIRRACISTA”.

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, tem por objetivo executar e analisar, junto aos estudantes do 8º ano, uma intervenção pedagógica que problematiza acontecimentos racistas no ambiente do futebol como instrumento para desenvolver a criticidade e combater o racismo nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental – Anos Finais. A pesquisa terá duração de cinco aulas de 55 minutos cada, e será desenvolvida na escola onde você estuda, durante o período regular das aulas de Educação Física pelo próprio professor-pesquisador. O material didático proposto contará com a sua participação e colaboração através da participação efetiva nas aulas e dos registros que serão realizados por meio da aplicação de questionários que serão respondidos pelos estudantes e, por conseguinte, analisados pelo professor-pesquisador e entrevista semi-estruturada. Este estudo é importante porque trata de uma temática importante para a sociedade e seus resultados fornecerão informações que poderão contribuir para o fomento da criticidade dos alunos nas aulas de Educação Física, incentivando assim o combate ao racismo na escola e na sociedade.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os riscos da pesquisa estão relacionados à confidencialidade, ocupação do tempo dos estudantes ao responder ao questionário, diários de bordo. Para que isto não ocorra, será destinado um horário reservado para este fim, sendo facultativo responder ou não as questões, sem qualquer tipo de penalização. Os resultados obtidos pela pesquisa poderão ser publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que os dados pessoais dos estudantes serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Caso seja da sua vontade, esclarecerei possíveis dúvidas sobre a participação e uso de suas respostas/opiniões/considerações para fins de pesquisa, remarcarei a coleta, aceitarei a solicitação de interrupção da gravação de áudio ou imagem, caso assim o desejar. A qualquer momento, antes, durante ou após sua participação coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir em relação à pesquisa.

A sua participação é voluntária, e sua recusa em participar não causará nenhum dano ou punição. Você poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Os registros dos estudantes têm fins didáticos, portanto, se você não aceitar disponibilizar o material para fins de pesquisa, eles serão desconsiderados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhuma das estratégias que serão utilizadas oferecem riscos à sua dignidade.

Serão garantidos o sigilo e a privacidade de sua participação. Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa. Para participar não terá nenhuma despesa, bem como não terá qualquer tipo de remuneração. Ressalta-se que os resultados obtidos pela pesquisa poderão ser publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que seus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a

eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Após as explicações e leitura deste Termo de Anuência Livre e Esclarecido, se persistir alguma dúvida ou julgar necessário informações adicionais sobre o projeto de pesquisa e a sua participação poderá entrar em contato a qualquer momento, com o professor-pesquisador através do telefone/ *WhatsApp*: (85) 986623140, e/ou pelo *e-mail*: ytalo.somel@gmail.com.

Se você se sentir esclarecido(a) sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará em sua posse e a outra com o professor-pesquisador.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo com a participação.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza, _____ de _____ de 2024.

Assinatura do participante (estudante)

Ytalo Silva Lemos
Professor-pesquisador

Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva
Orientador

Endereço do responsável pela pesquisa:

Nome: Ytalo Silva Lemos
Instituição: Universidade Federal do Ceará– IEFES/UFC
Endereço: Rua Estado do Rio, 55 – Bela Vista, CEP 60440-782 – Fortaleza – CE
Contatos: (85) 986623140.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPEQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).
O CEP/UFC/PROPEQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.